

# pensar formação



**Título**

Projecto de Formação para Animadores  
Componente de Apoio à Família/Animação Sócio Educativa

**Editor**

Ministério da Educação  
Departamento da Educação Básica  
Av. 24 de Julho, 140 — 1399-029 Lisboa

**Director do Departamento da Educação Básica**

Paulo Abrantes

**Coordenação**

Núcleo de Educação Pré-Escolar

**Grupo de Trabalho**

Maria Odete  
Rosa Grilo

**Com a colaboração de**

Helena Martinho  
Pedro Gorjão  
Helena Figueiredo  
Isabel Correia  
Madalena Pereira

**Concepção Gráfica e Ilustração**

Cecília Guimarães

Novembro 2001

# Projecto de Formação para Animadores

## Componente de Apoio à Família/Animação Sócio Educativa

5

Introdução

7

Natureza das Actividades de Apoio à Família

8

Motivação/Justificação

9

Objectivos Gerais

10

Metodologia/Conteúdos

12

Organização Geral da Acção

13

1.º Módulo

15

2.º Módulo

18

3.º Módulo

20

4.º Módulo

22

Ficha de Avaliação

23

Bibliografia



## Introdução

### Enquadramento Geral /Fundamentos

A Lei Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei 5/97 de 10 de Fevereiro), consigna os Objectivos da Educação Pré-Escolar e prevê a articulação do horário do Jardim de Infância com as necessidades da família (artigo 12.º), pelo reforço da complementaridade entre actividades educativas e as actividades de apoio à família, designadas de animação sócio-educativa, sempre que disso haja necessidade.

Deste modo, sempre que tal se justifique será necessário assegurar os almoços, os tempos antes ou depois das actividades educativas/lectivas e os períodos de interrupções curriculares, sempre que os pais necessitem de manter os filhos no estabelecimento.

De acordo com o Decreto-Lei 47/97 (artigo 13.º, ponto 1, alíneas c, e b,), o director pedagógico do Jardim de Infância fará os ajustamentos necessários à gestão dos tempos de alargamento de horários e coordenará todas as actividades no âmbito da componente de apoio à família.

Ao abrigo do Protocolo de Cooperação entre os Ministérios da Educação, do Trabalho e Solidariedade e a Associação Nacional de Municípios, de 28/7/98, as autarquias contratam pessoal não docente com a designação de Animador para acompanhar as crianças nos períodos para além das 25 horas de actividades educativas/lectivas, sob a orientação do Director Pedagógico do estabelecimento.

O alargamento do horário em período não lectivo não assume a forma de intencionalidade pedagógica. A organização dos espaços e das actividades em prolongamento de horários deverá revestir-se essencialmente de uma componente lúdica, de tempo **livre** e informal. Contudo, toda a relação com as crianças tem uma função educativa, para o que será necessário um perfil de animador detentor de algumas competências educativas.

A Lei Quadro da Educação Pré-Escolar no seu artigo 18.º, ponto 3, determina que serão definidos, mediante diploma legal, os requisitos de formação do pessoal não docente que presta serviço nos estabelecimentos de educação pré-escolar.



Considerando que a grande parte dos animadores que prestam serviço nos estabelecimentos de educação não possuem qualquer formação nesta área, e que é urgente garantir a qualidade do atendimento às crianças durante todo o tempo que permanecerem na instituição;

Considerando ainda que, pelo Despacho n.º 69 — 1/ME/97, no seu ponto 1, h), é atribuído ao Departamento da Educação Básica a responsabilidade de "*elaborar programas-tipo de formação contínua de pessoal docente e não docente*";

Tendo ainda em conta o plano de actividades do DEB e o trabalho já desenvolvido, em matéria de formação do pessoal não docente, em parceria com outros serviços, julga-se oportuna a elaboração do presente projecto de formação com a designação de Dossier Pensar Formação II (em continuidade do primeiro já elaborado para pessoal auxiliar de acção educativa), a fim de o colocar ao serviço das Câmaras Municipais, dos Serviços Regionais de Educação e de Centros de Formação de Associação de Escolas.



## Natureza das Actividades de Apoio à Família

As actividades de animação sócio-educativa realizadas para além das 5 horas curriculares ou lectivas surgem como uma estratégia complementar do sistema educativo, pela necessidade de incluir a componente de apoio à família na Lei Quadro da Educação Pré-Escolar.

Estas actividades têm como grande objectivo o apoio às famílias, organizando-se de modo a que o fruir ligado ao prazer e ao bem estar das crianças seja o sentido da intervenção do animador.

Os espaços/tempos de prolongamento de horário deverão proporcionar às crianças formas de estar “soltas”, de intimidade ou de interacção, de criatividade ou de repouso em segurança física e afectiva e em clima de acolhimento.

Assim, os espaços de animação sócio-educativa para as crianças que precisam de permanecer na instituição depois do tempo das 25 horas curriculares caracterizam-se por:

- serem animados/desenvolvidos em actividade directa por um animador preparado para o efeito;
- requererem uma preparação/planificação do espaço, tempo, materiais e actividades, cuidada e avaliada sob a responsabilidade do director do estabelecimento;
- terem um carácter informal exigindo menor estruturação em relação ao jardim de infância, havendo a preocupação de articular com o educador, por forma a não repetir actividades que são desenvolvidas em tempo curricular.

Em termos de relação e animação educativa, caracterizam-se sobretudo pelo desafio/exigência ao animador no sentido de desenvolver/construir uma forma de relação positiva, empenhada, balizada pelo bom senso e pelo sentido de responsabilidade, pela educação da sua sensibilidade e pelo reforço da sua auto-estima.

Estes aspectos têm sido alvo de preocupação do Departamento da Educação Básica/ Núcleo de Educação Pré-Escolar, considerando-se que devem direccionar a acção do animador.

Os conteúdos e os materiais auxiliares de formação apresentados neste dossier estão orientados no sentido de preparar os animadores, quer quanto a aspectos da sua formação e valorização pessoal, quer quanto à sensibilização para as necessidades da criança, especialmente em período pós-lectivo, dando prioridade à importância do brincar e como brincar com a criança, com destaque para a construção de um clima afectivo na base da segurança e do bem estar.



## Motivação/Justificação

As medidas de política educativa em curso para a educação pré-escolar propõem a educação numa perspectiva de reciprocidade de relações e de responsabilidade partilhada.

A qualidade na educação passa pelo envolvimento e pela formação de todos os adultos intervenientes na educação das crianças, no âmbito das actividades que se realizam no estabelecimento educativo.

Nessa perspectiva, tendo em conta a necessidade de promover o desenvolvimento de competências indispensáveis para um desempenho adequado de funções junto de crianças do jardim de infância e escola do 1.º ciclo do ensino básico e, considerando ainda os benefícios resultantes de um bom enquadramento institucional de todos os elementos que trabalham no âmbito das actividades de animação do tempo livre das crianças desenvolvidas no estabelecimento educativo. Afigura-se da maior importância e oportunidade o desenvolvimento de um plano de formação para animadores ao serviço dos jardins de infância e escolas do 1.º ciclo, tendo como finalidade, contribuir para a melhoria de qualidade do ambiente educativo e do apoio a prestar às famílias, através de uma carteira de sugestões e materiais práticos pensados para criar oportunidades de valorização e rentabilização dos recursos humanos e materiais existentes nos estabelecimentos de educação e ensino.



## Objectivos Gerais

Esta formação visa fundamentalmente proporcionar aos animadores, em funções no âmbito da componente de apoio à família, condições para um desempenho eficaz e criativo junto das crianças, com atitudes educativas que apoiem e tranquilizem as respectivas famílias.

Assim, consideram-se objectivos desta formação:

- Contribuir para o desenvolvimento da formação pessoal e social da pessoa do animador.
- Sensibilizar para a realidade da criança, para as suas características e necessidades de desenvolvimento.
- Preparar os animadores para a aplicação de algumas técnicas de animação lúdica.
- Proporcionar informação sobre os princípios pedagógicos e organizativos do estabelecimento educativo.
- Sensibilizar para um bom relacionamento na base da cooperação e do sentido de responsabilidade.

## Objectivo deste Dossier

O presente dossier foi elaborado a partir da compilação de diversos materiais utilizados em duas acções experimentais.

Pretende-se que constitua uma carteira de sugestões, um recurso. Contudo, cada equipa formativa terá as suas próprias iniciativas.

Os formandos serão um óptimo recurso, fazendo-se apelo à sua experiência e ao seu saber cultural.



## Metodologia/Conteúdos

A metodologia deste projecto de formação envolvendo parcerias prevê uma fase de preparação da equipa, organização de materiais, articulação com serviços de educação locais e reuniões de trabalho com as directoras pedagógicas de jardim de infância/escola, com o objectivo de conhecer necessidades e ajustar conteúdos.

A formação terá uma componente teórico/prática e processa-se de forma activa/participativa, conforme os princípios orientadores para a formação de adultos.

Esta formação contemplará duas grandes áreas — uma de natureza sócio-educativa e cultural e outra de natureza técnica no campo da animação lúdica.

A aprendizagem deve processar-se de acordo com um modelo participativo. Assim, atribui-se peso igual tanto à formação teórica e prática, como ao ambiente relacional em que decorre a formação, desde a preparação cuidada e funcional dos espaços, às formas de acolhimento aos formandos, às oportunidades de participação e interacção do grupo.

Os grupos não deverão exceder os 20/25 participantes.

A acção realiza-se por módulos, tendo na totalidade a duração de 33 horas distribuídas da seguinte forma:

- 1.º Módulo

A problemática da família actual e suas repercussões na educação das crianças (*duração de doze horas*).

Alguns aspectos do desenvolvimento da criança e a promoção de atitudes adequadas junto de crianças e adultos.

Sensibilização para aspectos no âmbito da educação para a cidadania.

- 2.º Módulo

Educação promotora de saúde (*duração de nove horas*).

- 3.º Módulo

Noções Gerais sobre a organização e gestão do jardim de infância/escola — princípios orientadores sobre a relação escola/família/comunidade (*duração de três horas*).

- 4.º Módulo

Animação sócio educativa — conceitos e práticas de animação. Os tempos livres das crianças — a importância do brincar, actividades lúdicas (*duração de nove horas*).



## **Recursos Materiais**

A adequar aos contextos locais (consultar organização geral da acção).

## **Destinatários**

Animadores a prestar serviço nos jardins de infância/escola<sup>(1)</sup> (rede pública e rede privada sem fins lucrativos), no âmbito da componente de apoio à família — animação sócio educativa.

## **Formadores**

Constituição das equipas de acordo com os recursos locais, considerando os conteúdos de formação.

## **Período de realização**

Os quatro módulos deverão ser realizados por duas fases, em períodos e horário a acordar com as direcções dos Jardins de Infância.

## **Avaliação**

Deverá ser de carácter formativo, a realizar ao longo das sessões, tendo em conta a participação e o empenhamento dos formandos:

- Intervenções individuais,
- Apresentação de conclusões de trabalhos de grupo acerca das temáticas abordadas,
- Participação e produtos de pequeno grupo, resultantes do trabalho de atelier.

## **Relativamente à Acção**

Poderá realizar-se através da apreciação global a realizar pelos formandos e pelo preenchimento de uma ficha de avaliação simples contendo perguntas abertas.<sup>(2)</sup>

---

(1) apesar de se alargar a formação a animadores a prestar serviço no 1.º Ciclo, os conteúdos abordados neste dossier são mais apropriados para o grupo etário dos 3 aos 6 anos.

(2) documento na página 22.



## Organização Geral da Acção

Metodologia	Estratégias	Recursos/Materiais
<p>Activa/Participativa baseada na formação de adultos, nos conhecimentos e experiências dos participantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Promover um clima de participação e cooperação, preparando e favorecendo as relações interpessoais.</li><li>• Proceder ao levantamento de expectativas e necessidades de formação dos formandos.</li><li>• Iniciar, sempre que possível, os trabalhos por uma proposta de dinâmica de grupo.</li><li>• Integrar o tratamento das expectativas e necessidades manifestadas nos conteúdos a abordar.</li><li>• Colocar a ênfase na formação enquanto processo, criando espaços para a expressão dos formandos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Meios Audiovisuais:<ul style="list-style-type: none"><li>• Retroprojector</li><li>• Vídeo</li><li>• Projector de diapositivos</li><li>• Leitor de cassetes</li><li>• Folhetos</li><li>• CD's música</li><li>• Cassetes</li></ul></li><li>• Textos e pequenas Publicações;</li><li>• Quadro de agenda;</li><li>• Materiais de suporte aos atelier's: Tintas, caixilhos para diapositivos, pasta de madeira, desperdícios, cartolinas, etc.</li><li>• Meios logísticos: espaços e equipamentos, ex: salas, espaços exteriores, recursos culturais da comunidade, cantinas, transportes, etc.</li></ul>



## 1.º Módulo

*Este módulo aborda a razão de ser da animação sócio-educativa em jardim de infância, relacionando-a com a problemática da família na sociedade actual, alguns aspectos da psicopedagogia, bem como a necessidade de promover atitudes educativas adequadas ao processo formativo de crianças e adultos nestes espaços.*

### Objectivos

- Sensibilizar os participantes para:
- As determinantes sociais que condicionam o comportamento das famílias e, consequentemente, das crianças.
- O desenvolvimento da criança em idade pré-escolar.
- Possibilitar reflexões e conhecimentos que promovam o desenvolvimento de atitudes adequadas junto das crianças e dos adultos.

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• Problemas da família na sociedade actual;</li><li>• O prolongamento de horário em jardim de infância da rede pública;</li><li>• Aspectos do desenvolvimento da criança em idade pré-escolar.</li><li>• A necessidade de segurança física e emocional das crianças;</li><li>• A importância de experimentar o sucesso na realização de tarefas;</li><li>• Espaço para a iniciativa e projectos das crianças;</li><li>• Papel do jogo e do faz-de-conta;</li><li>• A necessidade do movimento na criança.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Acolhimento, ambiência, clima relacional;</li><li>• Apresentação, através da técnica de dinâmica de grupos, exemplo (Doc.1 — módulo I);</li><li>• Levantamento de interesses e necessidades formativas face à função que desempenham;</li><li>• Apresentação do programa, estabelecendo-se a correlação e os ajustes de acordo com interesses manifestados, de modo a poder referenciá-los no decurso dos respectivos módulos.</li></ul>

(continua)



(continuação)

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• Relações interpessoais e o seu papel para o desenvolvimento de um sentimento de auto-estima saudável e para a construção de um auto-conceito positivo. (Doc. 2, 3, 4 e 4a — módulo I).</li> <li>• Valores e cidadania (Doc. 9 e 10 — módulo I).<ul style="list-style-type: none"><li>• Importância de educar para a liberdade, para a criatividade e autonomia;</li><li>• O exercício de autoridade e as questões pedagógicas relacionadas com o sentido de disciplina (Doc. 11, 11a, 11a, — módulo I).</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Breves exposições com recurso a materiais de apoio audio-visual:<ul style="list-style-type: none"><li>• Projecção de acetatos com texto auxiliar;</li><li>• Projecção de imagens seleccionadas com uma dupla finalidade: ilustrar sobre a criança em contexto relacional e em contexto de jogo (Doc. 5, 6, 7, 8 — módulo I).</li></ul></li> <li>• Trabalho prévio de discussão em grupos a partir de um jogo ou de pistas, contendo frases contraditórias sobre a temática em questão (Doc. 12 e 12a — módulo I).</li> <li>• Plenário para a síntese dos trabalhos de grupo;</li><li>• Sistematização dos conteúdos com recurso a meios auxiliares de comunicação e textos de apoio.</li></ul>



## 2.º Módulo

*Este módulo visa desenvolver nos animadores um sentimento de responsabilidade interveniente em relação à promoção da saúde, bem como promover competências básicas nesta área.*

### Objectivos

- Aprofundar o sentido de responsabilidade em relação à promoção da saúde.
- Conhecer os aspectos preventivos relacionados com algumas patologias mais relevantes.
- Conhecer e praticar preceitos básicos de socorrismo.
- Sensibilizar para os aspectos da segurança nos espaços educativos.

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• Conceitos básicos e promoção/educação para a saúde</li></ul> <p>1 — Saúde</p>	<p>Para o desenvolvimento dos conteúdos expressos deverão ser usadas metodologias activas.</p> <p>p.g. — pequeno grupo G.g. — grande grupo</p> <p>Abordagem dos conceitos numa perspectiva holística:</p> <p>1 — Conceito de saúde:</p> <p>p.g. — Os participantes tentam definir o conceito. G.g. — São discutidas as definições dos p.g. e a discussão encaminha-se para a definição da O.M.S. (Doc. 1 — módulo II).</p> <ul style="list-style-type: none"><li>— Vertente patológica para os aspectos holísticos.</li><li>— Ampliação do conceito nas vertentes “Ambiente” e “Políticas promotoras”.</li></ul>

(continua)





(continuação)

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• Conceitos básicos e demonstração de primeiros socorros:<ul style="list-style-type: none"><li>• Conceito de 1.º socorro;</li><li>• Princípios gerais de socorrismo (PAS);</li><li>• Plano de acção de socorrista;</li><li>• Socorros essenciais e secundários (Doc. 6 — módulo II).</li></ul></li></ul>	<p>3 — Alimentação, informação básica e prática:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• papel dos nutrientes, roda dos alimentos, alimentação saudável, refeições equilibradas.</li><li>• conservação dos alimentos.</li><li>• processos culinários mais saudáveis. (Docs. 4a, b, c, d, d1 — módulo II).</li></ul> <p>4 — Doenças infecto-contagiosas:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Definição muito sumária, alusão ao agente causal, tipo de contágio e preceitos básicos de prevenção:<ul style="list-style-type: none"><li>• gripe, tuberculose, SIDA, e hepatites (Doc. 5 — módulo II).</li></ul></li></ul> <p>5 — Exposição e exercitação</p>



### 3.º Módulo

*Com este módulo pretende-se preparar a integração do animador na equipa da instituição educativa.*

*Abordam-se noções gerais sobre as novas formas de organização/gestão de Jardim de Infância/escola, bem como o conceito de educação que lhe está subjacente.*

*Reflecte-se sobre a importância dum processo educativo participado pelos diferentes intervenientes da comunidade educativa.*

*Apresentam-se os objectivos da animação sócio educativa no contexto de prolongamento da actividade pós-lectiva e as funções do respectivo animador.*

### Objectivos

- Adquirir alguns conhecimentos básicos sobre novas formas de organização e gestão do jardim de infância/ escola.
- Sensibilizar para algumas implicações do funcionamento do jardim de infância como comunidade educativa.
- Reflectir sobre as funções e o desempenho do animador.

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• A escola hoje<ul style="list-style-type: none"><li>• como nasce uma escola</li><li>• para que serve uma escola (Doc. 1, 2, 2a — módulo III).</li></ul></li><li>• Projecto educativo da escola<ul style="list-style-type: none"><li>• O que é</li><li>• Para que serve</li><li>• Quem intervém (Doc. 3 — módulo III).</li></ul></li><li>• Organigramas do Ministério da Educação e dos Centros de Área Educativa; (Doc. 4 e 5 — módulo III).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Exposição animada e participada com recurso a instrumentos auxiliares da comunicação.</li><li>• Visionamento de um vídeo ou outro material de apoio para melhor compreensão do funcionamento do jardim de infância.<sup>(1)</sup></li><li>• Espaço para questionamento e esclarecimento, como por exemplo:<ul style="list-style-type: none"><li>• Organização e qualidade dos espaços;</li><li>• Gestão dos tempos;</li><li>• Segurança;</li><li>• Actividades mais adequadas;</li><li>• Expectativas da família etc.</li></ul></li></ul>

(continua)

(1) Vídeo a "Brincar vamos começar" existe no CAE, Autarquia, DREL, DEB.



(continuação)

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• Organização da instituição (Doc. 6 — módulo III).</li><li>• Princípios gerais e objectivos pedagógicos da educação pré-escolar (Doc. 7 — módulo III)</li><li>• O que é o jardim de infância (Doc. 9 e 10 — módulo III).</li><li>• Objectivos da Educação Pré-Escolar (Doc. 8 — módulo III).</li><li>• Funções e papéis dos intervenientes:<ul style="list-style-type: none"><li>• Educador de infância (Doc.11 módulo III);</li><li>• Auxiliar de acção educativa (Doc.11a módulo III);</li><li>• Animador sócio educativo (Doc.11b — módulo III);</li></ul></li></ul> <p>— Crianças — Pais — Autarquias</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Testemunho prático de uma directora pedagógica de um J.I. sobre o modo como articula no seu jardim de infância a componente lectiva e a componente de apoio à família;</li><li>• Distribuição de textos de apoio aos formandos.</li></ul>



## 4.º Módulo

*Este módulo visa abordar em 1.º lugar a importância do brincar para a criança e de como se podem criar condições favoráveis para a animação lúdica em contexto de tempo pós lectivo no Jardim de Infância.*

*Pretende-se reflectir sobre o conceito de animação e de tempo livre e experimentar em oficina, diversas actividades lúdico/expressivas. Dar pistas para a organização de uma “biblioteca” e outros materiais de apoio ao animador.*

### Objectivos

- Tomar consciência da importância do tempo de lazer para o bem estar e a saúde das crianças e dos adultos.
- Reflectir à cerca da especificidade das actividades lúdicas nos períodos de prolongamento de horário em jardim de infância.
- Aprender/experimentar diversas situações de jogo, de animação do conto e outras actividades lúdico/expressivas

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• Abordagem de questões sobre a evolução do jogo e do brincar e suas características nos dias de hoje:</li><li>• conceito de animação (Doc. 1 módulo IV);</li><li>• conceito de actividade lúdica (Doc. 2 módulo IV);</li><li>• conceito de tempo livre (na criança e no adulto);</li><li>• a sobreocupação das crianças;</li><li>• o desvirtuar dos tempos livres;</li><li>• os resultados psicossomáticos da sobreocupação dos tempos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Para além da exposição do tema:<ul style="list-style-type: none"><li>• Debate de um doc. audio/visual<sup>(1)</sup>, vídeo/cassete ou filme que aborde a temática;</li><li>• Explosão de ideias (Brainstorming);</li><li>• Estudo de casos;</li><li>• Demonstração comentada através de um série de diapositivos seleccionada a partir de experiências pedagógicas vivenciadas com e por crianças em tempo livre.</li></ul></li></ul>

(continua)



(continuação)

Conteúdos	Actividades / Estratégias Possíveis
<ul style="list-style-type: none"><li>• Estratégias possíveis /desejáveis para os tempos em animação sócio/educativa:<ul style="list-style-type: none"><li>• direito ao ócio/lazer;</li><li>• actividades essencialmente lúdicas e significativas;</li><li>• importância do contacto /exploração da natureza;</li><li>• movimento;</li><li>• apoio à concretização de projectos das crianças;</li><li>• envolvimento das famílias e da comunidade;</li><li>• a construção dos próprios brinquedos; recuperação de actividades, de jogos e de brinquedos, tradicionais (Doc. 3, 3a, 4, 4a, 5 e 5a — módulo IV).</li></ul></li><li>• Aspectos de expressão e comunicação da criança — linguagens que utiliza.</li><li>• Actividades lúdicas/expressivas — exploração de cenários plásticos criados pelas crianças:<ul style="list-style-type: none"><li>— Tempo do conto;</li><li>— A importância do livro;</li><li>— Canções com movimento;</li><li>— Rodas e jogos rítmicos;</li><li>— Fantoques;</li><li>— Poesias e lengalengas (Doc. 6, 6a, 7, 10, 11, 12, 12a — módulo IV).</li></ul></li><li>• Função do jogo — componentes lúdica e formativa.<ul style="list-style-type: none"><li>• Jogos de interior e de ar livre adequados às respectivas idades das crianças.</li><li>• Organização de ficheiros e de mini-biblioteca de apoio.</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Animação de histórias através de:<ul style="list-style-type: none"><li>— Fantoques</li><li>— Marionetas</li><li>— Sombras chinesas (Doc. 9 — módulo IV)</li></ul></li><li>• Atelier de construção de fantoches em pasta de madeira e outros;</li><li>• Atelier de construção e visionamento de diapositivos com vários materiais: <i>tintas, papel celofane, rendas, penas, letras e padrões de decalque</i>;</li><li>• Exemplificação de diferentes formas de contar uma história:</li><li>• Exemplificação de como se pode contar e recriar uma história a partir de vários materiais. Exemplos:<ul style="list-style-type: none"><li>— Banda desenhada;</li><li>— Puzzle;</li><li>— Imagens com sequência;</li><li>— Utilização de retroprojector;</li><li>— Ir desenhando em acetato, etc.</li></ul></li><li>• Atelier para construção de personagens a partir de material de desperdício e cada grupo conta uma história de forma diferente.</li><li>• Criar situações de jogos ao ar livre e de jogos de interior (Doc. 8, 8a, 8b, 8c, 8d, 8e, — módulo IV).</li><li>• Organização de biblioteca de apoio ao animador (Doc. 13 e 13a módulo IV).</li></ul>



## Ficha de Avaliação

### Formação de Animadores Componente de Apoio à Família

1 — Se gostou de participar neste encontro, diga porquê.

---

---

---

2 — O que achou mais importante?

- |                           | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        |
|---------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| • O convívio              | <input type="checkbox"/> |
| • A troca de experiências | <input type="checkbox"/> |
| • Aprender coisas novas   | <input type="checkbox"/> |

3 — Aspectos que achou mais relevantes para o trabalho com as crianças.

---

---

---

4 — Propostas/Sugestões para futuras acções de formação.

---

---

---



## Bibliografia

- Bee, H. (1986). *A Criança em Desenvolvimento*. Ed. Harbra Ltd<sup>a</sup>.
- Caillois. (1990). R. *Os Jogos e os Homens*. Ed. Cotovia.
- Dias, R. et al (1983). *Curso de Iniciação à Educação de Adultos*. Braga. Universidade do Minho.
- Freire, Paulo. (...) *Pedagogia para a Liberdade*.
- Ferreira, T.P. (1999). *Guia do Animador*. Edições Multinova.
- IAC. (1998). *Cadernos da Actividade Lúdica*.
- Marcellino, N.C. (1997). *Pedagogia da Animação*. Papyrus Editora.
- Silva, I.L. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ed. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica, Núcleo da Educação Pré-Escolar.
- Ministério da Educação. (1995). Departamento da Educação Básica, Núcleo da Educação Pré-Escolar. *Dos 3 aos 5 no Jardim de Infância*.
- Ministério da Educação. (1994). Departamento da Educação Básica, Núcleo da Educação Pré-Escolar " *Jardim de Infância/Família, Uma Abordagem Interactiva*".
- Pringle, K.M. (1983). *A Criança*. Ed. do Instituto de Estudos e Acção Familiar.
- PPES. CNLS. (1999). Manual de Primeiros Socorros — *Acidentes nas Escolas, Jardins de Infância e Campos de Férias*. Lisboa. PPES. CNL.
- Roberto, J. (1996). *Carta Urgente sobre a Qualidade de Vida*. Ed. ITAU.
- Santos, Arquimedes. (1991). *Aspectos Psicopedagógicos da Actividade Lúdica*. IAC.

## Textos

- Carta de Otawa, 1986.
- Figueira, C. (1991). *Quer Conhecer Melhor o seu Filho Pré-Escolar?* Revista *Rua Sésamo*, 17.
- Gabriela, L. Conceição, J. *A Criança e os Jogos Tradicionais*, Análise de Texto, Porto.
- Martinho, A. *O Jogo Dramático na Ludoteca*, *Cadernos de Educação de Infância*, n.º 51/99.
- Santos, A. *Tempo Livre, Tempo de Brincar Tempo de Crescer*, *Cadernos de Educação de Infância*, n.º 25/93.



# Módulo I

## Textos e Materiais de Apoio

27

DOCUMENTO 1  
Jogo de Apresentação

29

DOCUMENTO 2  
A Família

30

DOCUMENTO 3  
Tópicos para Reflexão — A Sociedade Hoje e a Organização Familiar

32

DOCUMENTO 4  
As Necessidades das Crianças

35

DOCUMENTO 4a  
A Propósito do Texto — As Necessidades das Crianças

39

DOCUMENTO 5  
Adquirindo o Sentido do Eu  
Por volta dos dois anos a criança reconhece-se ao espelho

40

DOCUMENTO 6  
Adquirindo o Sentido do Eu  
Diálogos imaginários — Uma conversa com os bonecos

41

DOCUMENTO 7  
Adquirindo o Sentido do Eu  
Fantasiar-se de outra pessoa diverte e ajuda a criança a compreender a realidade

42

DOCUMENTO 8

**Adquirindo o Sentido do Eu  
Aprendendo a usar diferentes linguagens**

43

DOCUMENTO 9

**Educação para a Cidadania, Algumas Considerações**

45

DOCUMENTO 10

**Os Direitos das Crianças**

47

DOCUMENTO 11

**Educar para a Cidadania — Os Nossos Valores**

49

DOCUMENTO 11a

**A Liberdade como um Valor — Tópicos para Reflectir**

53

DOCUMENTO 11a<sub>1</sub>

**Exemplo de Abordagem da Discussão de Valores**



## DOCUMENTO 1

### Jogo de Apresentação

#### “Cada um apresenta o outro”<sup>(1)</sup>

O animador começa por dirigir as boas-vindas aos formandos e realçar a importância de todos se conhecerem.

Entrega, em seguida, aos formandos um papel branco de reduzidas dimensões e pede-lhes que depois de nele escreverem o nome, o dobrem em quatro partes. O animador deve integrar-se, também, nesta actividade lúdica.

Recolhidos os papéis e depois de suficientemente misturados, o animador retira um à sorte, lê em voz alta o nome do formado nele escrito e convida-o a proceder da mesma forma. Está constituído o primeiro par.

O processo continua até que todos os formandos e animador(es) estejam constituídos em pares. Se o número de elementos for ímpar, o último integra-se num par à sua escolha, constituindo-se num trio.

O animador sugere aos diversos pares a escolha de um local agradável, dentro ou fora da sala, para fazerem a sua apresentação, dispondo cada elemento de 5 minutos para falar de si ao seu parceiro (dados pessoais, familiares, profissionais ou outros).



*Jardim de Infância de Marco Cabaço*

---

(1) In — *Guia do Animador de Paulo Trindade (pág. 180).*



Durante a apresentação a dois não esquecer:

O tempo atribuído a cada formando deve ser respeitado, não devendo ficar aquém ou ir além dos 5 minutos estabelecidos.

O parceiro que receber a informação pode pedir esclarecimentos sobre o que lhe é transmitido, sempre que necessário, sendo “expressamente proibido” tomar qualquer apontamento. Cada um deve esforçar-se por reter a informação que lhe é transmitida.

Terminados os 10 minutos reservados para a apresentação dos pares, convidá-los a regressarem à sala para mutuamente se apresentarem. Cada um apresenta o seu parceiro, devendo este, no final, manifestar o seu acordo ou desacordo relativamente ao que foi relatado a seu respeito.

Concluídas as apresentações e depois de prestadas algumas informações logísticas — horário, normas de funcionamento, importância da pontualidade — é aconselhável fazer um pequeno intervalo. É uma forma de atenuar a tensão gerada pela apresentação.

Em conclusão e resumidamente, destacamos as principais vantagens da apresentação:

Facilita um maior conhecimento e relacionamento entre os formandos e animador-formandos.

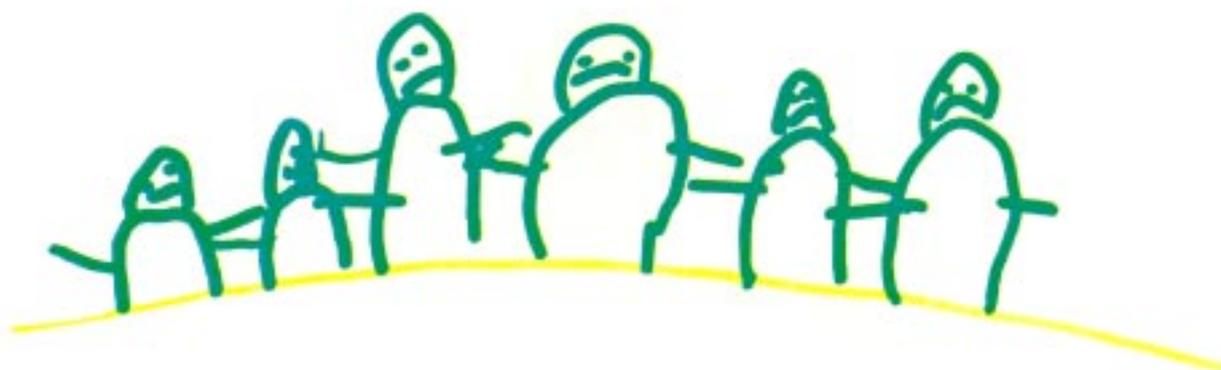
Proporciona um “degelo” inicial, condição indispensável para fazer da actividade formativa um tempo e um espaço de interacção e comunicação humanas.

Possibilita ao animador, através das informações obtidas, introduzir reajustamentos à actividade formativa, em termos de objectivos, conteúdos e métodos.



## DOCUMENTO 2

### A Família



4/6/91  
Pedro

Há uma ideia do modelo tradicional de família segundo um modelo padrão socialmente aceite na base do casamento, constituído por pai — o ganha pão e a mãe, dona de casa, um certo número de filhos que vivem sob o mesmo tecto — a família nuclear. (Tofler, 1984) Havia também a família alargada (em algumas sociedades ainda há), em que sucessivas gerações familiares viviam sob o mesmo tecto, governados pelos patriarcas mais velhos.



### DOCUMENTO 3

## Tópicos para Reflexão — A Sociedade Hoje e a Organização Familiar

É importante compreender os contextos e organizações familiares para, sem juízo de valor, intervir de forma educativa. Nesse sentido, há que ter presente alguns aspectos do quadro evolutivo do modelo de organização social e familiar para o que se sugerem alguns tópicos de reflexão:

- Evolução do modo de vida rural;
- Pais e mães que trabalham fora de casa;
- Famílias mais pequenas com um só filho;
- Avós que ainda trabalham ou vivem longe.

### Formas de Organização Familiar

A par da família nuclear assente em modelos e valores estruturados e padronizados, coexistem nas sociedades actuais diferentes modelos de organização familiar, embora com alterações de organização interna de crenças e de princípios.

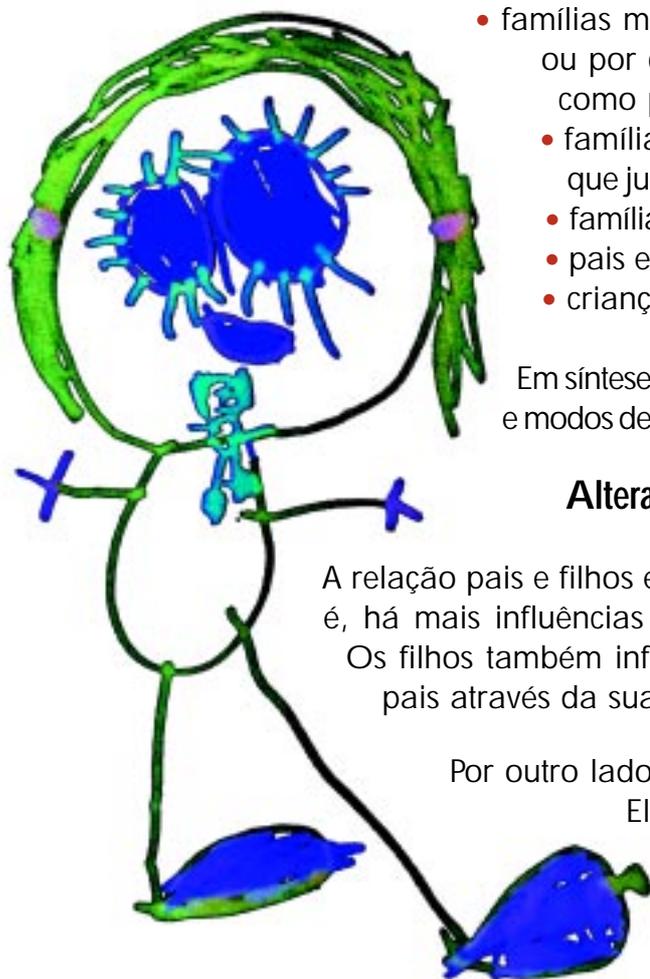
- famílias monoparentais só com um progenitor pai ou mãe, ou por causa do divórcio ou por causa de se assumirem como pais ou mães solteiros;
- famílias reconstituídas na base de casais de divorciados que juntaram os respectivos filhos do primeiro casamento;
- famílias constituídas apenas na base da união de facto;
- pais e mães que trabalham e vivem em terras diferentes;
- crianças que vivem em lares.

Em síntese, a família actual pode aparecer com variadas formas e modos de organização, sendo a maior parte socialmente aceites.

### Alterações no Quadro de Relações Pais e Filhos

A relação pais e filhos é mais dinâmica, menos rígida, mais sociável, isto é, há mais influências mútuas. Os modelos muito vincados diluem-se. Os filhos também influenciam o pensamento e o comportamento dos pais através da sua cultura escolar e da cultura social e juvenil.

Por outro lado, os pais sentem-se mais frágeis, mais inseguros. Eles próprios são constantemente sujeitos a novos desafios quanto ao desempenho do seu papel de pais, e também têm necessidade, como os filhos, de serem compreendidos e esclarecidos por quem lhes garanta segurança.





Aos pais é pedida uma tarefa redobrada, porque tudo é menos estável. As coisas não são apenas branco ou preto, certo ou errado.

### **Reflexos na Forma como se vai Estruturar a Personalidade das Crianças**

As crianças interiorizam modelos de comportamentos, definição ou indefinição de papéis (pai/mãe) processos de socialização, valores que se privilegiam etc.



*Exemplos:*

*O exercício da autoridade parental (castigos e recompensas) não é tarefa fácil. Hoje coexistem várias escolas formativas.*

*Discute-se na praça pública as grandes questões morais nem sempre coincidentes com as da família.*

*As crianças nas crises afirmativas próprias do crescimento e da conquista da autonomia evidenciam gestos de desobediência e individualismo desafiadores.*

A criança precisa de se afirmar para construir a sua identidade e autonomia. Como conciliar com as suas tendências e necessidades transgressoras e egocêntricas?

Estudos de Psicologia dos últimos 30 anos (Gesell, 1993; Piaget, 1957; Bloom, 1964 e outros) demonstraram a importância decisiva dos cinco primeiros anos de vida no desenvolvimento e adaptação do indivíduo. Ora a criança é essencialmente educada pela família nesse período da vida, os pais são reconhecidos como os agentes educativos preponderantes nesta idade.

Entende-se assim, a necessidade de boa articulação entre o jardim de infância e a família, sucedendo o mesmo em relação aos espaços de animação sócio-educativa, no âmbito da componente de apoio à família.

### **Actividades de Apoio à Família**

Compreende-se que, dada a evolução do quadro de organização social e familiar, as actividades de animação sócio-educativa, em situação de prolongamento de horário de jardim de infância, tenham surgido como uma estratégia complementar do sistema educativo. Estas actividades têm como grande objectivo o apoio às famílias, organizando-se com a participação dos pais, de modo a garantir a qualidade de atendimento durante todo o tempo que a criança permanece na instituição.



## DOCUMENTO 4

### As Necessidades das Crianças

Existem quatro necessidades básicas, de ordem emocional, que é necessário satisfazer desde o início da vida para que uma criança passe da infância desamparada a uma fase adulta de maturidade. São elas: a necessidade de amor e segurança, de novas experiências, de apreço e reconhecimento e de responsabilidade. É evidente que a importância relativa destas necessidades muda durante as várias fases de crescimento, como também mudam as formas de as satisfazer.

#### **A Necessidade de Amor e Segurança**

Esta é provavelmente a mais importante, porque fornece a base para todos os relacionamentos posteriores, não só no âmbito da família mas também com os amigos, colegas e eventualmente com a futura família. Dela dependem o desenvolvimento saudável da personalidade, a necessidade de amar e de corresponder ao afecto e, a seu tempo, de se tornar uma mãe ou um pai afectuoso e carinhoso. Esta necessidade é satisfeita quando a criança vive desde o nascimento uma relação continuada, segura, afectuosa, primeiro com a mãe, depois com o pai e seguidamente com um círculo crescente de adultos e de outras crianças. A segurança de um local familiar e de uma rotina conhecida garantem a continuidade e a previsibilidade num mundo em que a criança tem que aprender a lidar com tantas coisas que são novas e mutáveis. Do mesmo modo, a estabilidade da vida familiar dá-lhe o sentido de continuidade pessoal, de ter um passado, bem como um futuro e de ter uma identidade coerente e resistente.

#### **A Necessidade de Novas Experiências**

A inteligência de uma criança só se desenvolverá de forma satisfatória se esta necessidade for correspondida durante a infância. Tal como o corpo requer alimento para permitir o desenvolvimento físico e tal como uma dieta equilibrada é essencial para o crescimento normal, assim as novas experiências são um requisito para o intelecto. Os ingredientes vitais desta dieta são, na primeira infância, o jogo e a linguagem. Através deles, a criança explora o mundo e aprende a enfrentá-lo. Isto é tão verdadeiro em relação ao mundo subjectivo e interior dos pensamentos e dos sentimentos.

As novas experiências facilitam a aprendizagem de uma das lições mais importantes nos primeiros anos de vida: aprender a aprender, e aprender que o domínio sobre algo traz consigo alegria e um sentimento de realização. A educabilidade não depende só das



capacidades inatas, mas tanto — ou mais — das oportunidades e estímulos fornecidos pelo meio. O clima emocional e cultural do lar, bem como o envolvimento e as aspirações dos pais podem acalentar, limitar ou prejudicar o crescimento mental.

O jogo corresponde, principalmente de duas formas, à necessidade de novas experiências: dando à criança a possibilidade de conhecer o mundo; e fornecendo-lhe meios para enfrentar e resolver emoções contraditórias, visto permitir que a fantasia se sobreponha à realidade e à lógica.

A qualidade do ambiente linguístico em que a criança vive é provavelmente, e a longo prazo, o factor crucial do seu crescimento intelectual: não importa apenas se lhe falam muito ou pouco, mas se essa conversa é relevante, nítida e rica. A linguagem falada ajuda na aprendizagem do raciocínio e do pensamento e também no estabelecimento de relações.

A entrada para a escola constitui só por si uma experiência nova e primordial, que abre um mundo mais vasto e mais impessoal. O progresso da criança será profundamente afectado pelas atitudes, valores e convicções do professor. Interesses alargados, entusiasmo pelos assuntos da mente e receptividade às ideias novas são características contagiosas. Os professores estão numa posição que lhes permite manter, despertar ou reacender a curiosidade e a alegria de aprender novas coisas que quase todas as crianças pequenas manifestam.

### **A Necessidade de Apreço e Reconhecimento**

Deixar de ser um bebé indefeso e crescer até se tornar um adulto seguro de si e que se aceita como é, requer uma vasta aprendizagem emocional, social e intelectual. É através da *modelação* da criança em relação aos adultos que cuidam dela que este objectivo é alcançado. Os incentivos mais eficazes para o conseguir — e que exigem um esforço permanente, mantido ao longo dos anos de crescimento — são o apreço e o reconhecimento. Mais tarde, uma tarefa bem feita constitui a sua própria recompensa, mas tal só acontece numa fase de grande maturidade. Mesmo o adulto mais maturo reage, digamos que desabrocha, quando ocasionalmente lhe manifestam apreço ou outra forma de reconhecimento.

Visto que o crescimento é fatalmente obstruído por dificuldades, conflitos e reveses, torna-se indispensável um estímulo forte. Este virá da parte dos adultos que amam a criança e a quem por sua vez ela ama e quer contentar, através do prazer que esses adultos manifestam perante o sucesso e através do apreço demonstrado face às realizações da criança. O encorajamento e as exigências, quando razoáveis, servem de agulhão para a



perseverança. O grau óptimo de expectativa atinge-se quando o sucesso é possível mas não sem esforço. Não poderá ser o mesmo para todas as crianças, nem em todas as fases. Pelo contrário, terá de se cingir às capacidades de cada criança em cada momento e ao estágio de crescimento em que ela se encontra.

Os professores também desempenham um papel importantíssimo na satisfação da necessidade de apreço e reconhecimento, quanto mais não seja, porque toda a criança passa na escola cerca de metade do tempo em que não está a dormir e isto, pelo menos, durante onze anos. Este facto constitui uma oportunidade inigualável para estabelecer uma atitude propícia em relação à aprendizagem e, também, quando necessário, para melhorar ou mesmo reconstruir a base em que assenta o amor-próprio de uma criança e, por conseguinte, a sua atitude face ao esforço e aos resultados obtidos. Para realizar esta tarefa, o professor tem de partir do princípio de que cada aluno tem um potencial para o desenvolvimento que ainda não foi realizado e que poderá ser posto em acção por uma *dieta* adequada, em vez de encarar os fracassos passados como indicando uma capacidade de aprendizagem irremediavelmente limitada.

## A Necessidade de Responsabilidade

Esta necessidade é satisfeita permitindo à criança a conquista da independência pessoal, a começar pela aprendizagem de cuidar de si mesma no dia-a-dia, como por exemplo ao comer, vestir-se e lavar-se sozinha. É correspondida também através das coisas que a criança possui, por muito pequenas e baratas que sejam e sobre as quais ela pode exercer total direito de propriedade. À medida que a criança cresce, a responsabilidade tem de se alargar a esferas mais importantes, garantindo-lhe a liberdade nas suas acções. Quando, mais tarde, atingir uma plena maturidade, deverá ser capaz de aceitar ser responsável por outrem.

Conceder independência crescente não significa para o adulto calar o seu ponto de vista, preferências e opções, nem as razões que as fundamentam; também não quer dizer que se deixe de orientar e participar na vida dos filhos, nem tão pouco que se fechem os olhos a tudo o que eles fazem. Pelo contrário, as crianças necessitam de estruturas orientadoras e de limites. É uma ajuda saberem o que é exigido ou permitido e quais são as regras, juntamente com as razões que as fundamentam, bem como o saberem se estas regras são no seu interesse ou no interesse de outros.



## DOCUMENTO 4a

### A Propósito do Texto — As Necessidades das Crianças

São apontadas, neste quadro de análise, por Pringle (1983) como fundamentais, as respostas a necessidades psicossociais básicas (não esquecendo as de natureza biológica), sendo enunciadas quatro categorias essenciais: amor e segurança, novas experiências, apreço e reconhecimento, responsabilidade.

Estas necessidades têm de ser satisfeitas não apenas no início da vida, mas por toda a vida. Assim, podem constituir, no contexto preciso do tema em análise, a relação família/jardim de infância, um programa comum que envolve a criança, a família e o profissional de educação pré-escolar.



*Helena Martinho*

No momento do desenvolvimento em que a criança procura a sua autonomia e desafia a sua iniciativa, entra no jardim de infância. Daí a especial relevância da experiência que, fora da família, vai fazer e que pode fortalecer ou desencorajar a capacidade de se afirmar perante ela própria e perante os outros (Erikson, E., 1971).

O amor e segurança que a criança sentir, são a essencialidade do desenvolvimento da auto-aprovação e da auto-aceitação, encorajando-a para uma atitude construtiva,



primeiro para consigo, depois para com os outros e integrando-a, positivamente, num mundo social mais alargado (Maslow, A e Erikson, E., citados por Fontana, 1977).

Se a relação criança/adulto (criança/educadoras), adulto/adulto (educador/pais), criança/criança (ela/iguais) não for organizada para que esta atmosfera se crie, a primeira traída é a pessoa da criança no seu direito ao reconhecimento valorativo de si própria. Ela tem que sentir que há alguém com quem conta, para sentir que ela, também, conta para alguém, o que reforçará o seu sentimento de ser amada e aceite, condição fundamental para se abrir aos outros (Enderle, C., 1990).

As novas experiências vão alimentar na criança o desejo de ser grande, próprio desta idade, de afirmação. A descoberta do mundo que ela vai conhecendo nas suas múltiplas facetas (físicas, sociais, culturais, éticas, artísticas...) leva-a a uma actividade intensa, expressão do impulso para crescer, para explorar tudo o que se passa à sua volta (no jardim de infância, na família, na comunidade, na natureza) (Montessori, M., Decroly, O., Dewey, J., Piaget, J., Bruner, J.).

O pensamento nascente e a linguagem, tanto quanto a acção, alimentam-se do que se procura, do que se partilha, do que se faz, do que se escreve, do que se sente, do que se diz, do que se quer... As experiências cognitivas, sublinha-se, são igualmente afectivas e sociais. Não há conhecimento sem emoção (Kamii, C., s. d., Bruner, J., 1983, Piaget, J., 1972).

Assim, a experiência organizada que o Educador promove com os ingredientes vitais, jogo e linguagem, vai desenvolver na criança novas competências para se relacionar com o mundo exterior e objectivo, e com o mundo interior dos pensamentos e dos sentimentos (Marlieu, Ph., Vandenplas/Holper, C., 1983).

Na relação dos intervenientes já anteriormente situada (criança/criança, criança/adulto, adulto/adulto), está porém a chave desse envolvimento e, por isso, pais e educadores são chamados a abrir essas janelas para o mundo e a sentirem-se, também, a descobrir novas formas de ver, através da criança, das questões que ela põe, dos obstáculos que não compreende, das verdades que procura, da coerência que deseja para se sentir encorajada para novos desafios (Elkind, D., 1972).

**O apreço e o reconhecimento** são fontes de energia para prosseguir essa afirmação da sua identidade (Fontana, D., 1991).

A atitude positiva, optimista, alimenta as suas potencialidades, as expectativas positivas de pais e educadores, o apreço recíproco geram relações de encorajamento pessoal.

O sucesso é legítimo e necessário, como a frustração razoável também é. Saber o que já se conseguiu e o que ainda se pode conseguir, ajuda a criar a consciência da própria participação na aprendizagem. O dizer sim ou não, no contexto oportuno e numa atitude



correcta é fundamental à diferenciação das competências e à evolução da auto-imagem positiva (Rosenthal, R., citado por Sprinthall, N e Sprinthall, R., 1993).

Aos pais e aos educadores profissionais cabe a organização concertada desta intervenção.

**A responsabilidade** reclama condições para a criança conquistar a sua independência pessoal. O exercício da liberdade passa pela criança se sentir responsável. No momento do desenvolvimento em que ela quer ser grande, repetimos, a oportunidade de responder por aquilo que faz (de bem ou de mal) é uma referência indispensável ao seu processo de afirmação.

A aposta da família/jardim de infância em garantir experiências suficientes e graduadas do exercício da responsabilidade, favorece a autonomia e a cooperação. As crianças, sem dúvida, precisam de estruturas orientadoras e de regras (o que pode e o que não pode) e das suas razões.

O partilhar da vida quotidiana da família/jardim de infância permite-lhes o conhecimento dos valores, das preocupações, das aspirações que se vivem e, por isso mesmo, ajudam-nas a situar-se face a si e aos outros, nas ideias do bem e do belo, da fraternidade e da justiça, da lealdade e do compromisso, da autenticidade e da liberdade do bem e do belo, da fraternidade e da justiça, da lealdade e do compromisso, da autenticidade e da liberdade (Kolberg, L., Gorbarino, J., e Bonfenbrenner, U., citados por Sprinthall, N, e Sprinthall, R., 1993).

É no viver que isto tem que acontecer e esta primeira experiência social alargada, o jardim de infância, é fundamental para as outras que se vão seguir no percurso do seu desenvolvimento pessoal.

De relevar que a imitação e identificação são processos fundamentais no despertar de uma consciência moral, ajudando a construção de sentimentos orientados por uma matriz de regras que são interiorizadas.

O exercício da autoridade não é tarefa fácil, sobretudo quando as fontes de referência, face ao que é certo e ao que é errado, são múltiplas. A escola paralela constitui uma realidade que não pode ser ignorada no âmbito da construção de valores.

A criança na sua afirmação própria e na conquista da sua autonomia, ensaia comportamentos desafiadores, o que mais reforça a necessidade de coerência por parte dos adultos mais próximos, para que possa ir construindo o seu juízo crítico em relação a si, aos acontecimentos, às pessoas (Erikson, E., 1971); Fontana, D., 1977; Delmine, R., Vermeulen, S., 1983)

*Deolinda Botelho.*

*In Jardim de Infância/Família — Uma Abordagem Interactiva. (1994) ME. DEB.*





MÓDULO I — TEXTOS E MATERIAIS DE APOIO

## DOCUMENTO 5

### Adquirindo o Sentido do Eu

Por volta dos dois anos a criança reconhece-se ao espelho

Imagem indisponível na Internet



**DOCUMENTO 6\***  
**Adquirindo o Sentido do Eu**  
Os diálogos imaginários — uma conversa com os bonecos



*Foto: M. Odete — Educadora de Infância*

---

\* Utilizável em transparência.



MÓDULO I — TEXTOS E MATERIAIS DE APOIO

## DOCUMENTO 7

### Adquirindo o Sentido do Eu

Fantasiar-se de outra pessoa diverte e ajuda a criança a compreender a realidade

Imagem indisponível na Internet



MÓDULO I — TEXTOS E MATERIAIS DE APOIO

**DOCUMENTO 8**  
**Adquirindo o Sentido do Eu**  
**Aprendendo a usar diferentes linguagens**

Imagem indisponível na Internet



## DOCUMENTO 9

### Educar para a Cidadania, Algumas Considerações

*“Desde a educação pré-escolar, não basta aprender, é necessário compreender e saber usar o que se aprende, é preciso que cada criança desenvolva todas as suas capacidades e a sua personalidade, aprendendo regras de convivência social que reforcem a sua integração e a sua autonomia”*

ME — Educação, Integração, Cidadania, Março 1998

O desafio que se coloca hoje à educação é a formação do indivíduo consciente da sua identidade pessoal, distinta, decisora, construída nas relações de interdependência com os outros e com o seu meio, inseridos nos seus contextos sociais.

No relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI no seu capítulo — *participação democrática — educação cívica e práticas de cidadania*, aponta-se para a necessidade de aprender a viver juntos com um sentido e um projecto de sociedade pelo que se torna imprescindível que cada pessoa, ao longo de toda a vida, adquira a capacidade de participar activamente num projecto de sociedade em ordem ao Bem Comum.

Deste modo, a escola básica, logo desde a educação pré-escolar, terá de constituir-se num modelo de prática democrática que leve os alunos a compreender, a partir de experiências concretas, quais são os seus direitos e os seus deveres e de como o exercício da autonomia e da liberdade individual implicará o respeito pela autonomia e liberdade dos outros.

A intencionalidade educativa orientadora da organização curricular e extra-curricular, tanto na dimensão disciplinar como transdisciplinar, terá de ter presente que as aquisições de competências de vida que contribuem directamente para o desenvolvimento de atitudes respeitadoras dos direitos e deveres inerentes ao “crescer cidadão” se faz em toda a vivência escolar, implicando contudo, uma metodologia activa/participativa centrada nos interesses e necessidades dos alunos, através das múltiplas oportunidades para o exercício prático da participação, da cooperação, de tomada de decisões, de expressão de opinião, e de tolerância face a diferentes opiniões.



A aprendizagem da autonomia e a solidariedade constituem “alimento” ao exercício da cidadania, aprendem-se a cada instante, na família, nas aulas e fora delas, na participação da organização da vida escolar, no estudo e na aprendizagem tanto da língua portuguesa como da matemática ou das ciências, nas actividades desportivas, nos tempos livres, no convívio e nas regras que o orientam.

Analisando-se os princípios educativos enunciados na Lei de Bases (Lei 46/86/88), sob a perspectiva da educação para a cidadania encontram-se expressões que “sustentam” a acção educativa, tais como:

- *O desenvolvimento pleno e harmonioso dos indivíduos*
- *A formação de cidadãos autónomos e solidários*
- *O desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias*
- *A justa e efectiva igualdade de oportunidades*
- *A solidariedade entre os povos*

Os princípios enunciados apoiam-se numa filosofia alicerçada em valores universalmente aceites e consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, e têm constituído orientação nas políticas educativas do Sistema Educativo Português expressas quer no Pacto Educativo de Futuro (ME, 1996) quer no documento Orientador das políticas educativas para o Ensino Básico *Educação, Integração, Cidadania* de Março, 1998.

*DEB — documentos de trabalho no âmbito da educação para a cidadania (1999)*

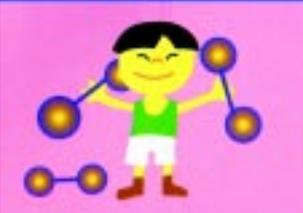


## DOCUMENTO 10\*

# Os Direitos das Crianças

Toda a criança, todo o jovem todo o homem tem de cumprir os seus DEVERES para ser digno dos seus DIREITOS.

A criança tem direito:

A protecção especial		A serem-lhe dadas oportunidades e facilidades a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social
	A crescer e a criar-se com saúde	
A amor e compreensão		A não ser discriminada por motivo de raça, cor, sexo, religião, língua, origem e posição social
	A cuidados especiais das autoridades, se não tiver família	
A brincar e a divertir-se		A ser a primeira, em quaisquer circunstâncias, a receber protecção e socorro
	A não ser empregada antes de uma idade mínima conveniente	

\* Utilizável em transparência.



MÓDULO I — TEXTOS E MATERIAIS DE APOIO

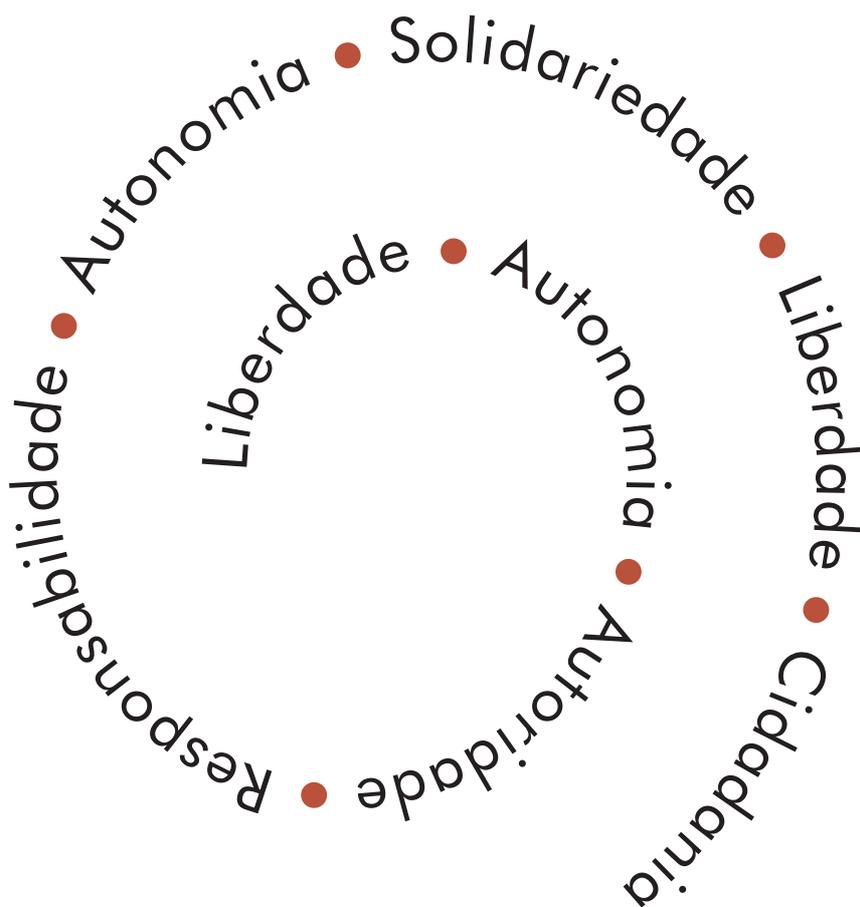
	A ter um nome e uma nacionalidade	
A alimentação, habitação, recreação e assistência médica		A tratamento, educação e cuidados especiais se for incapacitada física ou mentalmente
	A ser criada, com os pais, num ambiente de afecto e segurança	
A ser protegida contra a discriminação racial, religiosa ou qualquer outra		A receber educação gratuita e obrigatória pelo menos no grau primário
	A ser protegida contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração	
A ser criada num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal		A que o seu esforço e a sua aptidão venham a ser postos ao serviço dos seus semelhantes

"Boletim — Crianças",  
n.º 1, Março 79 — V Série (adaptado)



## DOCUMENTO 11\*

# Educar para a Cidadania — Os Nossos Valores



“É imprescindível que cada pessoa, ao longo de toda a vida, adquira capacidade de participar activamente num projecto de Sociedade em Ordem ao Bem Comum.”

*In — Educação — Um Tesouro a Descobrir, Relatório da Unesco.*

---

\* Utilizável em transparência.





## DOCUMENTO 11a

### A Liberdade como um Valor — Tópicos para Reflectir

Liberdade é uma palavra muito usada que exprime o desejo tão de direito de cada um se assumir na sua individualidade.

Existem diferentes modos de definir *liberdade*, mas o mais importante é que cada um se aproprie pouco a pouco do verdadeiro conceito de liberdade. Esta apropriação vai acontecendo ao longo da vida, ao mesmo tempo que se vai adquirindo a competência para agir por escolha própria, em consciência, depois de reflexão e independentemente de forças coercivas.

A **Liberdade** é um valor máximo, no qual assentam outros valores: respeito pela vida, respeito por nós mesmos, respeito pelo outro, a solidariedade, a interioridade e a democracia.

Educar para a liberdade implica: acreditar na liberdade como valor essencial a promover; ajudar a criança a adquirir a competência para saber ser livre.

Como se educa uma criança para a liberdade?

- Pelo exercício equilibrado da autoridade (de pai, de mãe, de educador, de adulto);
- Pela vivência tranquila da ordem e das regras (disciplina);
- Criando um ambiente tranquilo, sem ansiedades e opressões;
- Deixando-lhe os movimentos livres desde bebé;
- Dando espaço para a criança ser criança sem medos inúteis;
- Criando ao longo do dia muitas oportunidades de escolha, de opção e decisão;
- Associando a criança progressivamente à tomada de decisões aliadas a algumas responsabilidades, (*tendo o cuidado pelo que a criança se possa realmente responsabilizar, numa determinada idade*);
- Optando, tanto quanto possível, por vida ao ar livre, de modo a que a criança possa contactar com espaços abertos e amplos;
- Promovendo a educação da sensibilidade nas mais variadas circunstâncias.

Liberdade “versus” Autoridade?

Vive-se com esse binómio todos os dias, desde o levantar ao deitar. “Tenho a liberdade de descansar!..... Mas o relógio despertador é uma autoridade”!



Ora, educar significa formar uma boa e correcta ideia das coisas que a vida contém e depois saber adequar as aprendizagens que fizemos aos comportamentos de todos os dias, regulando de acordo com as circunstâncias e as necessidades.

Veja-se, por exemplo, a autoridade como um valor ligado à competência e ao poder de ser pai e ser mãe.

A competência de se ser pais, comporta um valor indiscutível que se vem transmitindo de geração em geração.

Desde o princípio da humanidade que a autoridade dos mais velhos conduz e orienta os filhos.

A autoridade está ligada à comunicação dos saberes, das crenças e dos valores que se transmitem.

As crianças ficam fascinadas com os saberes dos pais, dos mais velhos e dos seus heróis.

A comunicação dos saberes — o ensino, quando bem feito, constitui verdadeira fonte de autoridade.

A autoridade é um bem ao serviço da liberdade de cada um, na medida em que forma e orienta sobre o que é bem e o que não é bem e na medida em que regula “as liberdades” para todos.

Costuma dizer-se que *a tua liberdade termina onde começa a dos outros*.

É por isso que o exercício da autoridade é tão difícil.

A verdadeira autoridade é natural e firme. Alimenta-se da força interior, é uma consequência do equilíbrio físico e psíquico, da maturidade afectiva, da sabedoria das coisas e do bom senso.

As crianças captam estas qualidades intrínsecas à pessoa que exerce a autoridade, e o contrário também.

Todos nós temos a experiência de contactos com pessoas a quem naturalmente respeitamos e outras que não.



Por exemplo: para além da autoridade que é conferida ao educador/professor/animador as crianças vão-lhes reconhecendo e atribuindo autoridade à medida que estes se vão constituindo em pontos de referência de segurança, de confiança e de saberes.

Há no nosso dia-a-dia (na família, na escola, nos serviços públicos, nas estradas, nas cadeias, no trabalho) muito abuso de autoridade e a isso chama-se autoritarismo/despotismo, tendo normalmente características impositivas e coercivas.

É importante compreender que esse abuso normalmente esconde fraqueza, baixa auto-estima ou soberba, medos, ignorância, cansaço, depressões e ofensas recalcadas. Os modelos reproduzem-se “já assim fizeram comigo”...

O exercício da autoridade nunca dá o devido resultado quando é mascarado. Não tem a ver com voz grossa, com ameaças, castigos, rigidez de gestos e distanciamento. Pode funcionar aparentemente, mas reproduz-se o modelo e gera agressividade.

Portanto a autoridade em si é um Bem, a questão está no modo como se exerce.

Tanto a liberdade como a autoridade levantam a questão da obediência.

É indiscutível que as crianças (todas as pessoas) têm de aprender a obedecer. Mas é condição igualmente importante perceber o porquê dessa necessidade.

A obediência tem de ser apreendida pelas crianças como sendo um bem que as vai proteger a elas, aos irmãos, aos pais. Também vai consolidar hábitos importantes para os fazer crescer. Sem obediência não era possível viver com ordem e com segurança, as pessoas não se entendiam.

O importante é que ela, criança, perceba, na experiência de obedecer, que o poder de tirar e dar dos pais ou dos mais velhos, não é feito ao sabor da onda ou do desejo de quem tem o poder e o usa a seu belo prazer. Quando isso acontece as crianças sentem-no como injustiça — o que as afecta muito, transformando-se em sentimentos de revolta.

Às vezes é preciso ser impositivo, mesmo a contra-gosto, sobretudo quando se trata do cuidado com a vida e com a saúde.

A questão da obediência prende-se com a disciplina, que tem a ver com a ordem das coisas, com as regras, com os hábitos, com os métodos.



A disciplina é apenas o fio condutor do relacionamento (pai e filho, mãe e filho, professor/educador/animador/aluno), que é estruturante do carácter, tecido desde o nascimento, até ser jovem adulto. A disciplina “respira-se” no ambiente em que a criança vive. Portanto, há cuidados a ter desde o início, como por exemplo: o clima que se cria no quarto, na casa, no banho a horas, no mudar as fraldas, no tempo de repouso e de brincar, no vestir, no dar as explicações necessárias e no tom com que se dá.

Tem a ver também com o ritmo e a cadência do “estar” com as crianças, de lhes contar as histórias e cantilenas.

Portanto, a disciplina prende-se com o ritmo, com um tempo e um lugar para cada coisa. Logo, o importante para a educação na base da verdadeira disciplina, é criar um clima-ambiente saudável e tranquilo.

## **Responsabilidade/Autonomia**

A responsabilidade bem como a autonomia vão-se adquirindo como consequência da liberdade e do sentido de autoridade com que fomos orientados. É um valor que se vai traduzindo nos comportamentos de forma progressiva ao longo da vida. Aos poucos as crianças vão aprendendo a decidir e pensar por si, embora sabendo ouvir e atender à opinião dos outros.

O papel dos pais e dos adultos com funções educativas é estimular, dar confiança, criar oportunidades para que a criança possa fazer escolhas, assumir responsabilidades e adquirir o gosto pela independência de forma equilibrada. É importante ter em atenção que há responsabilidades e responsabilidades. As crianças têm graus diferentes de capacidades para adquirirem a competência da responsabilização.

Conhecem-se crianças de 4/5 anos que são capazes de fazer um recado sozinhas e decidir que roupa vestir. Conhecem-se adultos que não vão sozinhos às compras, por não saber que opções fazer.

*In documentos de trabalho no âmbito do CESE em Desenvolvimento Pessoal e Social.*



## DOCUMENTO 11a<sub>1</sub>

### Exemplo de Abordagem da Discussão de Valores<sup>(1)</sup>

#### Objectivos

Demonstrar que o conceito de valores varia de acordo com as pessoas.  
Conscientizar os membros participantes sobre o problema de valores diferentes.

#### Tamanho do Grupo

Oito a dez pessoas, podendo fazer-se o exercício com vários subgrupos, simultaneamente.

#### Tempo Requerido

Vinte e cinco minutos, aproximadamente.

#### Material Exigido

- Papel em branco, lápis e caneta.
- Redacção de três frases.

#### Ambiente Físico

Uma sala suficientemente ampla, com cadeiras, para acomodar todos os membros participantes.

#### Processo

I. O animador explica inicialmente o exercício e a seguir distribui uma folha com frases para cada membro, para que possa escolher uma, de entre as três que achar mais importante. As três frases podem ser, por exemplo:

- Ser livre é o maior bem
- Livrar-se das normas e das leis
- Ser cidadão participativo.

---

(1) Adaptação de Exercícios Práticos de Dinâmicas de Grupos de Silvino José Fritzne — Ed. Vozes. Pág.41.



- II. Feita a escolha, formam-se subgrupos, juntando-se os membros de acordo com a escolha feita. Aqueles que escolheram, por exemplo, a primeira frase como sendo a mais importante, irão discutir as razões desta importância. Assim, formam-se subgrupos semelhantes, para cada combinação de frase.
- III. Após uns dez minutos de discussão, forma-se o plenário, para expor a todos os participantes as razões da escolha de tal ou qual frase.
- IV. No final, haverá um momento para depoimentos sobre a experiência vivida no exercício.

### **Outros Tipos de Frases**

Conforme os valores que se deseja abordar, exemplo:

- Ser solidário com as outras pessoas
- Preparar os outros para saber obedecer
- Ser chefe é o maior objectivo
- Fazer o que for moralmente correcto
- Formar a consciência para o Bem

## Módulo II

### Textos e Materiais de Apoio

57

DOCUMENTO 1

Definições de Saúde, Estilo de Vida Saudável, Promoção e Saúde

58

DOCUMENTO 2

Objectivos dos Exames de Saúde

59

DOCUMENTO 2a

Plano de Consultas para Crianças dos 3 aos 6 Anos

61

DOCUMENTO 3

Áreas Temáticas para a Promoção da Saúde nas Escolas

62

DOCUMENTO 4

Alimentação

63

DOCUMENTO 4a

Alimento e Nutrimento

67

DOCUMENTO 4b

Pirâmide da Alimentação Saudável

68

DOCUMENTO 4c

Recomendações para uma Alimentação Saudável

69

DOCUMENTO 4d

O Bufete Saudável — I

70

DOCUMENTO 4d<sub>1</sub>

O Bufete Saudável — II

71

DOCUMENTO 5

Algumas Doenças Infecto-Contagiosas — Quadro Sinóptico

73

DOCUMENTO 6

Primeiros Socorros





## DOCUMENTO 1\*

### Definições de Saúde, Estilo de Vida Saudável, Promoção e Saúde

Saúde, não é apenas a ausência de doença, mas um estado completo de bem-estar físico, mental e social.

*O. M. S.*

Quando se fala de estilo de vida, fala-se de....

...Todos os comportamentos, valores e atitudes que em conjunto compõem um modo de vida.

Quando se fala de estilo de vida saudável, fala-se de...

...Tudo o que a pessoa faz relacionado com a saúde e que promove o seu bem-estar agora e no futuro.

A promoção da saúde é o processo que confere às populações os meios para um maior controle sobre a saúde e como melhorá-la.

Para alcançar um estado de completo bem-estar físico, mental e social, cada indivíduo ou grupo deve ser capaz de identificar e realizar aspirações, satisfazer necessidades e modificar ou enfrentar o ambiente.

*Otawa, 1986*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 2

### Objectivos dos Exames de Saúde

1. Promover e avaliar o crescimento e o desenvolvimento, regular, repetida ou prospectivamente.
2. Promover comportamentos saudáveis, entre os quais:
  - Nutrição adequada
  - Opções saudáveis em relação aos estilos de vida da família, da criança e do jovem
3. Prevenção primária, através de:
  - 3.1. cumprimento do Programa Nacional de Vacinação
  - 3.2. suplementação vitamínica e mineral quando justificada
  - 3.3. prevenção dos acidentes e das intoxicações
  - 3.4. prevenção das perturbações da relação pais/filhos e das disfunções da esfera psico-afectiva.
4. Prevenção secundária através do processo de detecção precoce/rastreios e encaminhamento de situações que possam traduzir-se por compromisso do crescimento e do desenvolvimento.
5. Prevenção, diagnóstico e terapêutica precoces das situações de doença mais comuns.
6. Sinalização e apoio continuado às crianças com doença crónica/deficiência e às suas famílias, com encaminhamento quando necessário.
7. Aconselhamento genético, diagnóstico e orientação das famílias com situações patológicas sugestivas ou já confirmadas.
8. Detecção precoce, apoio e orientação de situações de disfunção familiar, violência abuso físico e sexual e outras formas de maus tratos, controlo da mortalidade por suicídio nos jovens.
9. Promoção da auto-estima dos jovens, escolha de estilo de vida saudáveis, adaptação social adequada e vivência sexual responsável.
10. Cuidados antecipatórios, nomeadamente, através de acções de educação para a saúde sobre problemas considerados prioritários a nível do indivíduo ou da região — como a hepatite B e a SIDA.
11. Apoio à função parental e promoção do bem-estar familiar.



**DOCUMENTO 2a**  
**Plano de Consultas para Crianças**  
**dos 3 aos 6 Anos**

**Consulta dos 3 Anos**

Peso — pesagem

Estatura — medição

Linguagem — interrogar os pais e observação

Visão — interrogar os pais

Desenvolvimento psico-motor — história e exame físico global, testes específicos em caso de suspeita ou situações de risco

Pressão arterial — medição

Cuidados antecipatórios — temperamento (negativismo, birras, ciúmes, rivalidade, angústia da separação), relacionamento (outras crianças, descoberta), disciplina, desenvolvimento cognitivo, jardim de infância, ensino pré-escolar, prevenção dos acidentes e promoção da segurança (rua, casa), brincar e desenhar, estimular criatividade, suplementação de fluor, escovagem dos dentes, hábitos de ver televisão.

**Consulta dos 4 Anos**

Peso — pesagem

Estatura — medição

Linguagem — interrogar os pais e falar com a criança

Visão — teste de Sheridan — Gardiner

Audição — interrogar os pais

Desenvolvimento psico-motor — história e exame físico global, testes específicos em caso de suspeita ou situação de risco.

Cuidados antecipatórios — temperamento, relacionamento (outras crianças), disciplina, desenvolvimento cognitivo, prevenção dos acidentes e promoção da segurança (rua, casa), brincar e desenhar, estimular criatividade, suplementação de fluor, escovagem dos dentes com pasta fluoretada, hábitos de ver televisão.



## Consulta dos 5/6 Anos

Vacinação — DTP e VAP IV

Prova tuberculina (e eventual revacinação BCG)

Peso — pesagem

Estatura — medição

Pressão arterial — medição

Audição (grupos de risco) — audiograma

Cardiopatias congénitas — exame clínico

Anomalias da postura e da motricidade — observação

Desenvolvimento psicológico — história e exame físico global, testes específicos em caso de suspeita ou situações de risco.

Cuidados antecipatórios — alimentação adequada pequeno-almoço reforçado, desaconselhar ingestão de álcool e de açúcares de absorção rápida, comer legumes e frutos, hábitos de sono, conduta dos pais face à enurese nocturna, temperamento, relacionamento (outras crianças, professores) desenvolvimento cognitivo, preparação da entrada para a escola, prevenção do insucesso escolar, postura na escola e no estudo, prevenção dos acidentes e promoção da segurança (rua, casa, caminho para a escola, quedas, queimaduras, afogamentos), hábitos de ver televisão, brincar e desenhar, hábitos de leitura, suplementação de flúor (articular com eventual programa escolar de administração de flúor na escola), escovagem dos dentes, exercício físico, ar livre, actividades de lazer e estímulo intelectual.

Saúde escolar — preencher os suportes que permitem a ligação adequada com as actividades de Saúde Escolar.



## DOCUMENTO 3\*

### Áreas Temáticas para a Promoção da Saúde nas Escolas

- Relações interpessoais
- Segurança
- Higiene
- Alimentação
- Exercício físico e descanso
- Sexualidade e prevenção do D.S.T.
- Uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas

*Madalena Pereira  
DEB/NOPAE*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 4\*

# Alimentação

### Alimentação, Nutrição e Saúde



Vamos preparar  
um futuro melhor

*In Manual de Educação para a Saúde em Alimentação,  
Fundação Calouste Gulbenkian.*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 4a

### Alimento e Nutrimento

#### Alimento

- Substância comestível.
- Substância líquida ou sólida que, quando ingerida, fornece os materiais necessários para o crescimento, funcionamento e reparação do organismo.

#### Nutrimento

- Substância contida nos alimentos.
- Igualmente denominado por nutriente ou princípio nutritivo.

Cada alimento é formado por um conjunto de substâncias denominadas nutrientes.

Existem 7 classes de nutrientes: Proteínas ou prótidos; Hidratos de carbono ou glicídios; Gorduras ou lípidos; Vitaminas; Sais minerais; Fibras alimentares; Água.

Cada classe de nutrientes:

- Desempenha funções diferentes;
- Todas são importantes e insubstituíveis.

#### Hidratos de Carbono

- Fornecem a energia para o movimento, trabalho e realização de todas as funções do organismo.
- 1g de hidratos de carbono fornece 4 Kcal.

Fontes Alimentares:

- cereais e derivados;
- leguminosas secas;
- tubérculos.



## Proteínas

- Responsáveis pelo crescimento, manutenção e reparação do organismo.
- 1g de proteínas fornece 4Kcal.

Fontes Alimentares:

- Proteínas animais: leite, iogurte, queijo; carne, peixe, ovos.
- Proteínas vegetais: cereais e derivados; leguminosas secas.

## Gorduras

- Grandes fornecedores de energia calorífica.
- Protegem contra o frio.
- Transportam vitaminas (A,D,E,K ).
- 1g de gorduras fornece 9 Kcal.

Fontes Alimentares:

- Gorduras animais: manteiga, natas, banha.
- Gorduras vegetais: azeite, óleos, margarinas.

## Vitaminas

- Permitem a assimilação dos nutrientes, pelo organismo.
- Regulam muitas das reacções que ocorrem no organismo.
- Não fornecem energia.

Classificam-se em 2 grupos:

- Vitaminas hidrossolúveis (complexo B,C,PP).
- Vitaminas lipossolúveis (A,D,E,K ).

Fontes Alimentares:

- Hortaliças, legumes, frutos.



## Sais Minerais

- Permitem a assimilação dos nutrientes pelo organismo.
- São materiais de construção do organismo (cálcio, ferro).
- Não fornecem energia.

Fontes Alimentares:

- Leite, iogurte, queijo;
- Hortaliças, legumes, frutos.

## Fibras Alimentares

- Nutrimiento não absorvido pelo organismo.
- Regulam o funcionamento intestinal.
- Não fornecem energia.

Fontes Alimentares:

Só existem em alimentos de origem vegetal:

- Cereais e derivados;
- Leguminosas secas;
- Hortaliças, legumes e frutos.

## Água

- Nutrimiento em maior quantidade no organismo (65%) do peso.
- Indispensável para o funcionamento das células.
- Transporta nutrientes e outras substâncias no organismo.
- Não fornece energia.

No organismo, a água provém do exterior (alimentos sólidos e líquidos) e de produção interna (reações).

Fontes Alimentares:

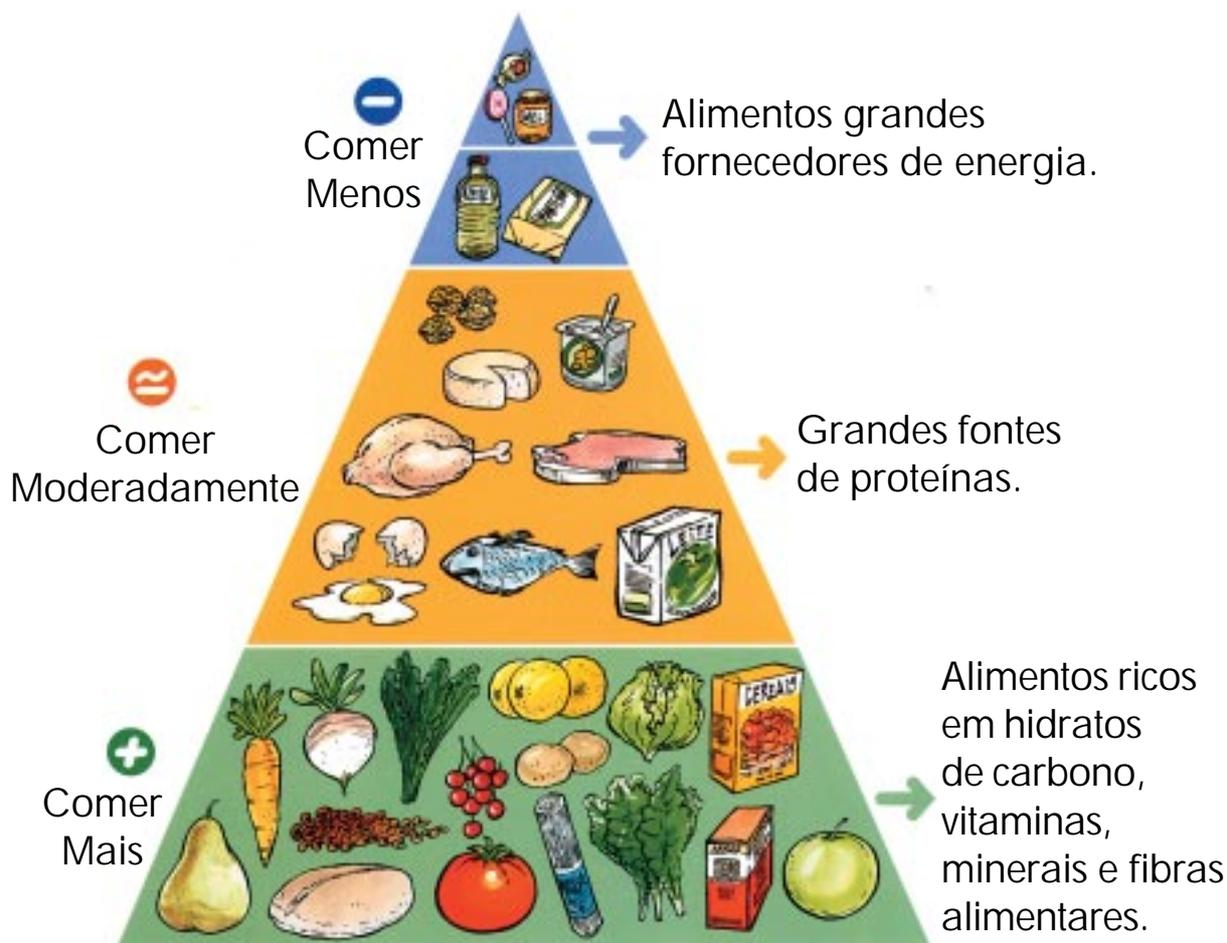
Todos os alimentos contêm água.





## DOCUMENTO 4b\*

### Pirâmide da Alimentação Saudável



Adaptado da "Pirâmide da Alimentação Saudável", F.C.G. — Isabel Loureiro e Natércia Miranda .

O que nos ensina:

- Comer diariamente alimentos de cada um dos grupos, que fazem parte da pirâmide.
- Comer em maior quantidade os alimentos que se encontram nos grupos maiores e em menor quantidade os alimentos que se encontram nos grupos menores.
- Variar o mais possível de alimentos dentro de cada grupo.

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 4c\*

### Recomendações para uma Alimentação Saudável

- Iniciar o dia sempre com um verdadeiro primeiro-almoço.
- Realizar 5 a 6 refeições/dia, com intervalos não superiores a 3h 30m.
- Não comer muito numa só refeição.
- Aumentar o consumo de leite, cereais completos, leguminosas, hortaliças, legumes e frutos.
- Diminuir o consumo de sal, gorduras e açúcar.
- Beber água em abundância.
- Moderar o consumo de bebidas alcoólicas. Proibidas para crianças, adolescentes, grávidas e aleitantes.
- Variar o mais possível de alimentos.

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 4d\*

### O Bufete Saudável — I

#### Alimentos e bebidas a promover

- Leite — simples ou aromatizado com cevada, cacau, chocolate, canela... — sem adição de açúcar.
- Iogurte — natural ou aromatizado, líquido ou sólido — sem adição de açúcar.
- Sumos de fruta naturais ou industriais.
- Pão — feito a partir de farinhas mais escuras e com pouco sal — ex: pão de mistura, sêmea.  
Pão com... manteiga, queijo, requeijão, fiambre, ovo cozido, omelete, atum, carne — frango, peru, porco, vaca — cozida ou assada, presunto, salpicão... enriquecido com vegetais crus — alface, cenoura ralada, tomate...
- Ovo cozido.
- Bola de carne.
- Fruta da época — inteira e em batidos de leite.
- Bolos com pouco açúcar e gordura, queques, bolos de arroz, fogacinhas, arrufadas e outros
- Bolachas pouco doces.
- Chocolates de leite — sem recheio.

---

\* Utilizável em transparência.

In Franchini B., Afonso C., Silva T. "Manual para cursos de manipuladores de alimentos nas escolas". DEB/NOPAE. Lisboa, 1995.



## DOCUMENTO 4d<sub>1</sub><sup>\*</sup> O Bufete Saudável — II

### Alimentos e bebidas a despromover

- Rissóis
- Croquetes
- Bolinhos de bacalhau
- Batatas fritas
- Tiras de milho e semelhantes
- Salsichas
- Fiambrino
- Mortadela
- Margarina
- Pastéis folhados
- Bolos com creme
- Bolachas doces
- Chocolates com recheio
- Pipocas doces
- Gelados corados artificialmente
- Rebuçados, caramelos, chupas, pastilhas elásticas, gomas de mascar doces e coradas,...
- Refrigerantes e néctares
- Bebidas com cola

---

\* Utilizável em transparência.

In Franchini B., Afonso C., Silva T. "Manual para cursos de manipuladores de alimentos nas escolas". DEB/NOPAE. Lisboa, 1995.



## DOCUMENTO 5

### Algumas Doenças Infecto-Contagiosas — Quadro Sinóptico

Nome	Agente Etiológico	Forma de Contágio	Prevenção
Gripe	Vírus	Pelo ar, tosse, espirros.	Vacinas: <i>Obrigatória</i> para grupo c/ alto risco: <ul style="list-style-type: none"><li>• Adulto c/ doenças crónicas;</li><li>• Crianças c/doenças crónicas;</li><li>• Idosos &gt; 65 anos.</li></ul> <i>Aconselhada:</i> <ul style="list-style-type: none"><li>• Grupo sócio-profissionais da Saúde, indústria, polícias, bombeiros, emp. limpeza, etc.</li></ul>
Tuberculose	Bactéria	Contacto estreito c/ doentes de T.P. — não estar vacinado.	Vacina — BCG (nascimento ou após). Pr. Mantoux (periódica).
Sarampo	Vírus	Contacto c/ portador.	Vacina
Varicela	Vírus	Contacto c/ doente no período de incubação.	Vacina
Herpes Labial	Vírus	Contacto directo c/portador.	Não há vacina. Evitar contacto.
Hepatite A	Vírus	Via entérica. Água. Mãos e alimentos mal lavados.	Medidas higiénicas correctas — mãos e alimentos. Tratamento de fossas sépticas. Não regar hortas c/ água das fossas.

(continua)



## MÓDULO II — TEXTOS E MATERIAIS DE APOIO

(continuação)

Nome	Agente Etiológico	Forma de Contágio	Prevenção
Hepatite B	Vírus	Via Parentérica. Sexual. Proc. Cirúrgicos. Injectáveis.	Vacina injectável. Sexo sem penetração ou c/ preservativo.
SIDA	Vírus	Contacto c/ sangue infectado seringas, objectos cortantes. Contacto sexual c/ portador.	Não há vacina. Evitar transmissão durante a gravidez. Sexo sem penetração ou c/ preservativo. Fidelidade.
Parótidite (trasorelho, papeira)	Vírus	Contacto c/ portador doente.	Vacina
Rubéola	Vírus	Contacto c/ portador doente.	Vacina
Pediculose	Parasita (piolho)	Má higiene. Contacto c/ portador. Pentes comuns.	Boa higiene.
Tinha	Fungo	Má higiene. Contacto c/ portador (animal/humano).	Boa higiene.
Escabiose (sarna)	Parasita	Má higiene. Contacto c/ portador. Roupas sujas.	Boa higiene.
Gastroenterite (diarreia)	Bactéria Vírus Outros	Alimentos mal lavados. Água. Leite não pasteurizado. Alimentos crus. Leite mal armazenado. <i>Fast Food</i> .	Não há vacina. Medidas higiénicas e dietéticas correctas.



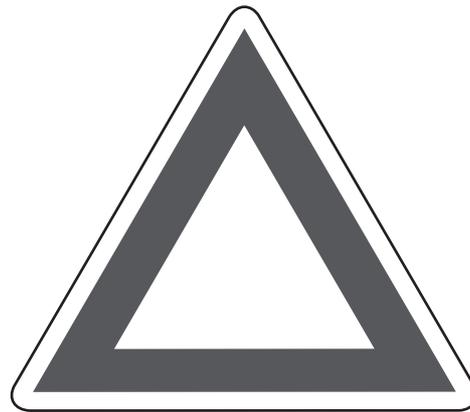
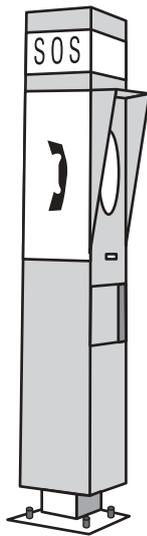
## DOCUMENTO 6\*

# Primeiros Socorros

### Princípios Gerais do Socorrismo

# P

revenir



# A

lertar

# S

ocorrer



*Adaptação do Manual "Curso de Socorrismo"  
da Cruz Vermelha Portuguesa.*

---

\* Utilizável em transparência.



## Módulo III

### Textos e Materiais de Apoio

77

DOCUMENTO 1  
Como Nasce uma Escola

78

DOCUMENTO 2  
Um Novo Conceito de Escola

79

DOCUMENTO 2a  
O que diz Paulo Freire

80

DOCUMENTO 3  
Projecto Educativo

81

DOCUMENTO 4  
Organigrama do Ministério da Educação

82

DOCUMENTO 5  
Centro da Área Educativa

83

DOCUMENTO 6  
Interações na Comunidade Educativa

84

DOCUMENTO 7  
Princípio Geral e Objectivos Pedagógicos da Educação Pré-Escolar

85

DOCUMENTO 8  
Objectivos da Educação Pré-Escolar

86

DOCUMENTO 9  
O que é o Jardim de Infância?

87

DOCUMENTO 10  
1.ª Etapa

89

DOCUMENTO 11  
Funções dos Intervenientes — Educadora de Infância

90

DOCUMENTO 11a  
Funções dos Intervenientes — Auxiliar de Acção Educativa

91

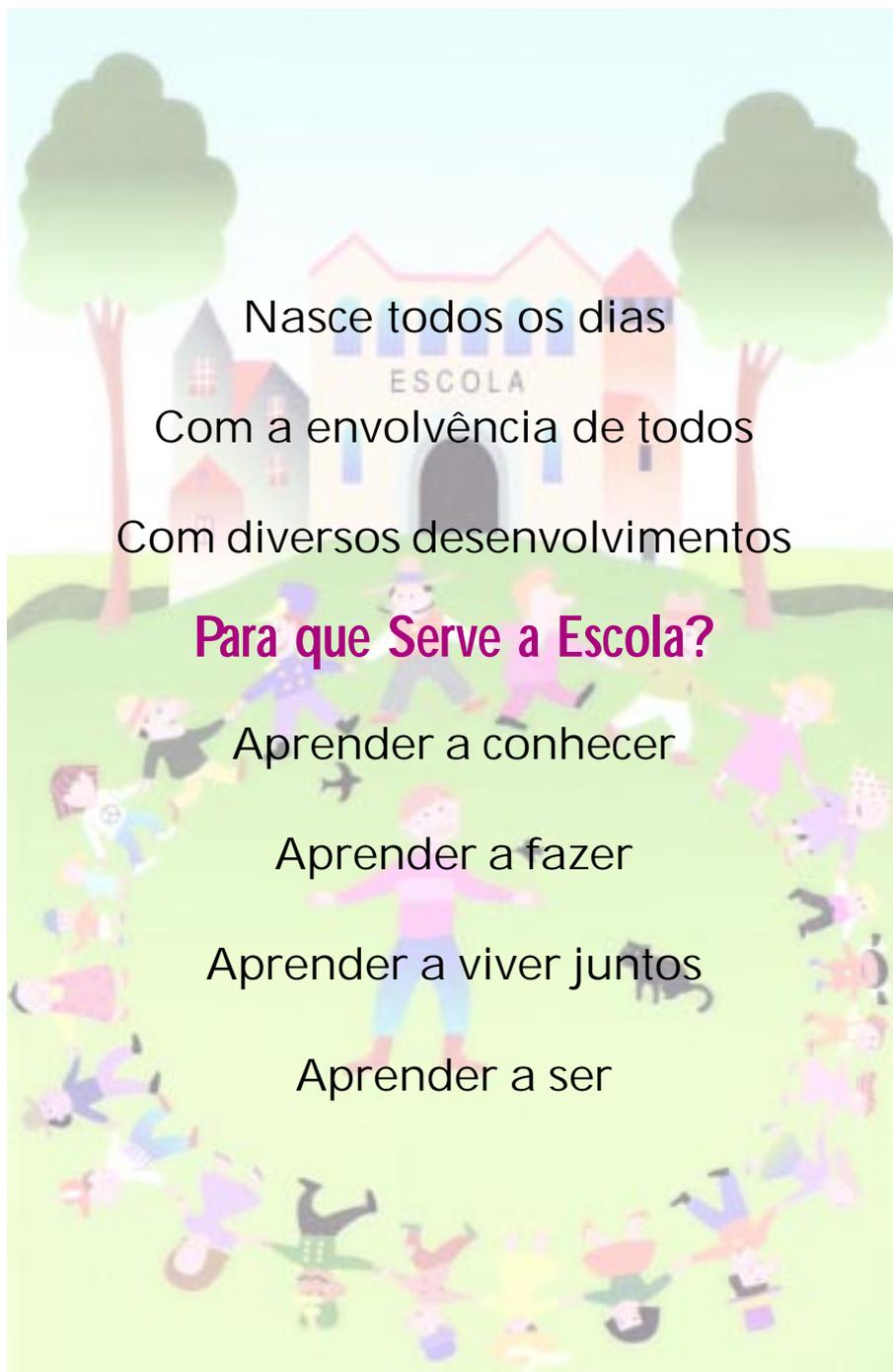
DOCUMENTO 11b  
Animador





## DOCUMENTO 1\*

# Como Nasce uma Escola



*Adaptação do livro Desenvolvimento Pessoal e Social  
de TOJO, C.; TAVARES, I.; ABREU, I.*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 2\*

### Um Novo Conceito de Escola

#### Referências sobre o Processo de Educação Hoje

Tomando como referência o pensamento de Paulo Freire:

***“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho os homens educam-se entre si mediatizados pelo mundo”***

Entendemos a educação numa perspectiva de reciprocidade de relações e de responsabilidade partilhada.

Hoje a concepção de escola que temos pode representar-se sob a forma circular, representando o entrecruzar da actividade curricular da responsabilidade do docente com outras formas de participação de outros intervenientes educativos, quer do estabelecimento quer da comunidade.

Esta imagem de escola ajuda-nos a ter presente a importância de todas as interacções entre quem ensina e quem aprende, quem educa e é educado, bem como a forma como a aprendizagem se processa.

Na educação da criança todos intervêm com o seu saber, com a atitude e com o exemplo.

As crianças educam-se e desenvolvem-se conforme o ambiente, as relações que se tecem à sua volta, e o quanto elas, também, são intervenientes no seu processo de crescimento.

É neste quadro que a cooperação da família com a escola é alvo de maiores cuidados, e lhe é atribuído um grande poder de parceria educativa na instituição pré-escolar e escolar.

---

\* Utilizável em transparência.



DOCUMENTO 2a\*  
**O que diz Paulo Freire**

“Ninguém educa ninguém,  
ninguém se educa sozinho  
os homens educam-se entre si  
mediatizados pelo mundo.”

*Paulo Freire*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 3\*

# Projecto Educativo

### 1. O QUE É?

### 2. PARA QUE SERVE?

### 3. INTERVENIENTES?

1. É um instrumento de trabalho, dinâmico, que evolui e se adapta às mudanças da comunidade, daí haver necessidade de constantes reflexões e avaliações do mesmo.
2. Serve para explicitar valores e intenções educativas.
3. Todos os adultos que estão envolvidos na educação da criança (Educadora, AAE, Pais, Animadores, Autarquia, outros parceiros da comunidade).

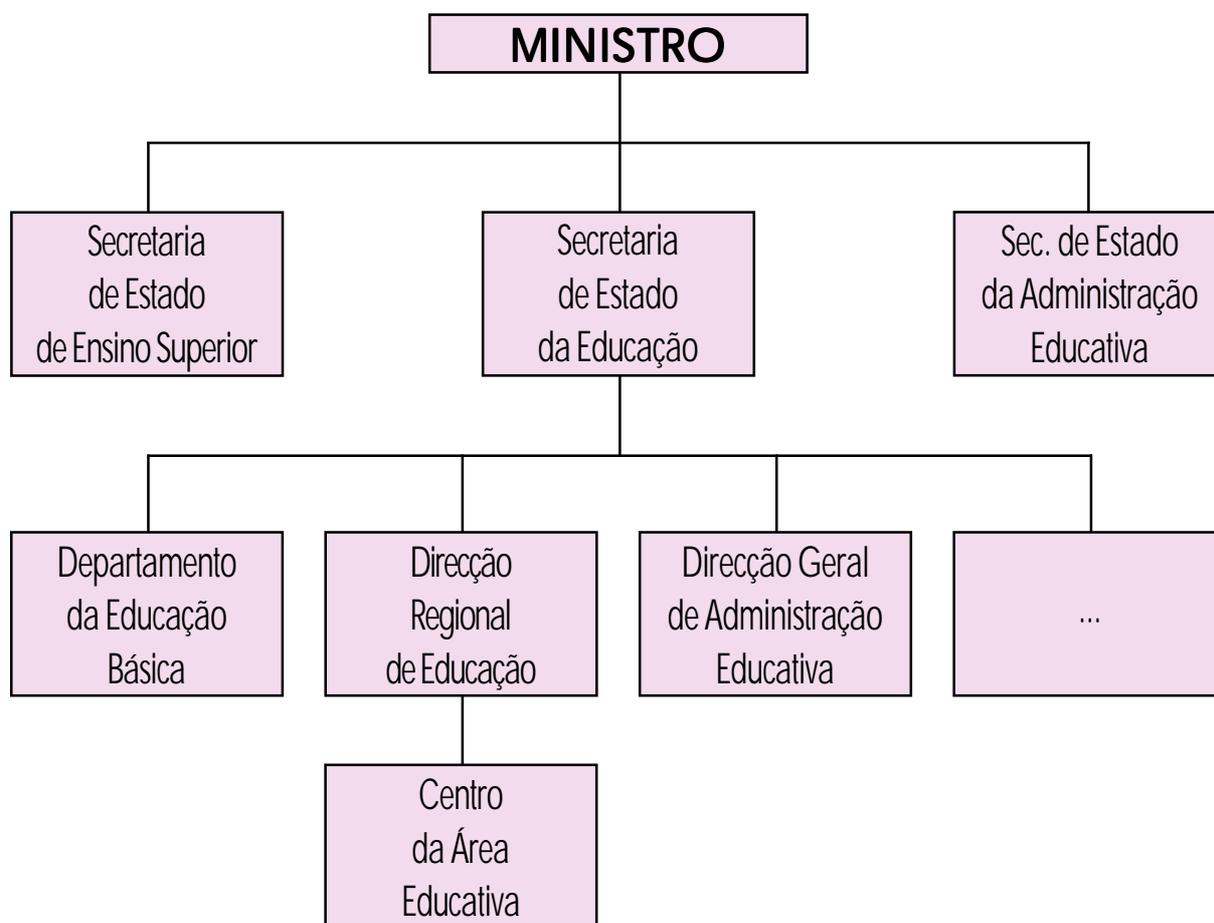
---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 4\*

# Organigrama do Ministério da Educação

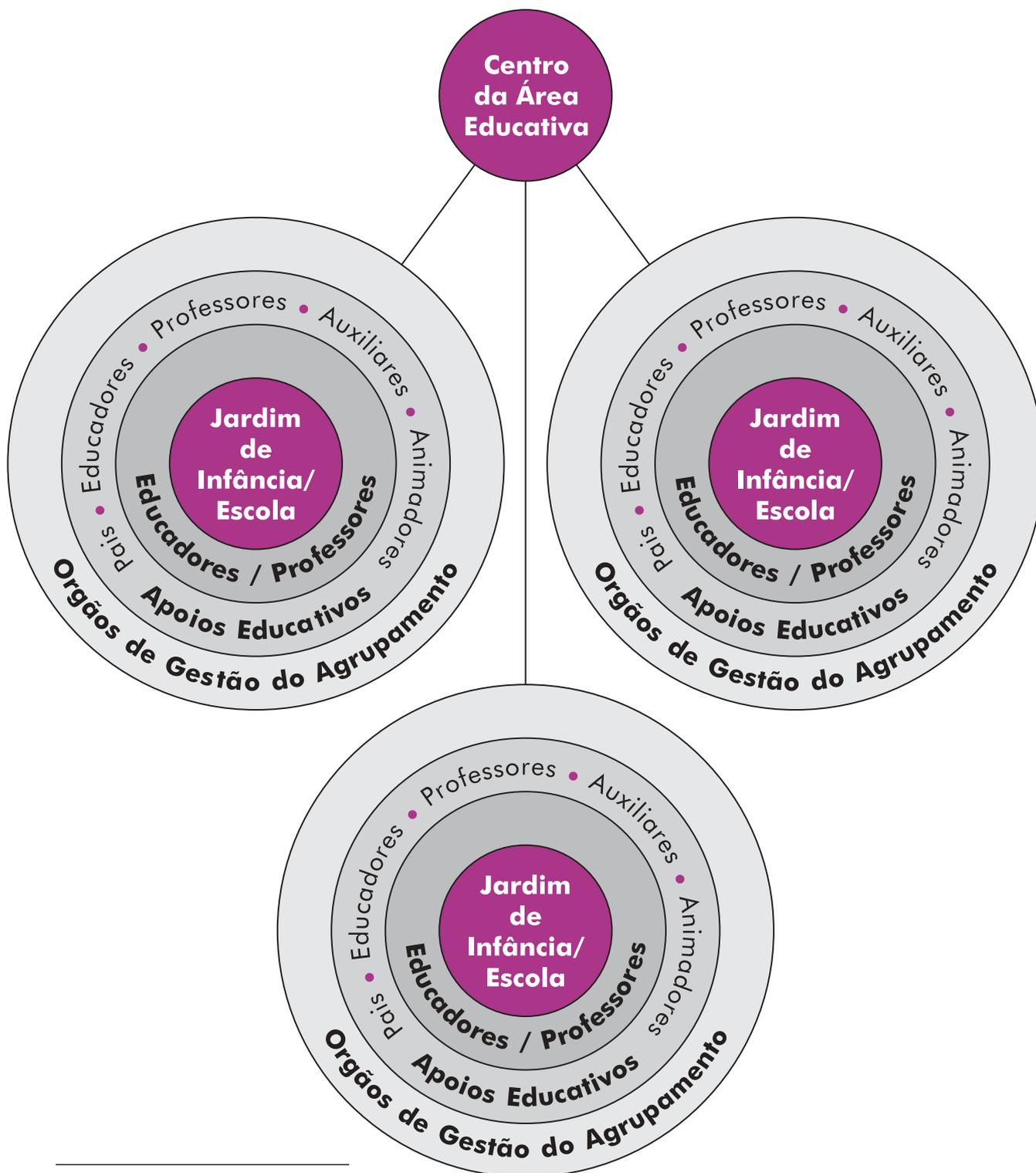


\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 5\*

# Centro da Área Educativa

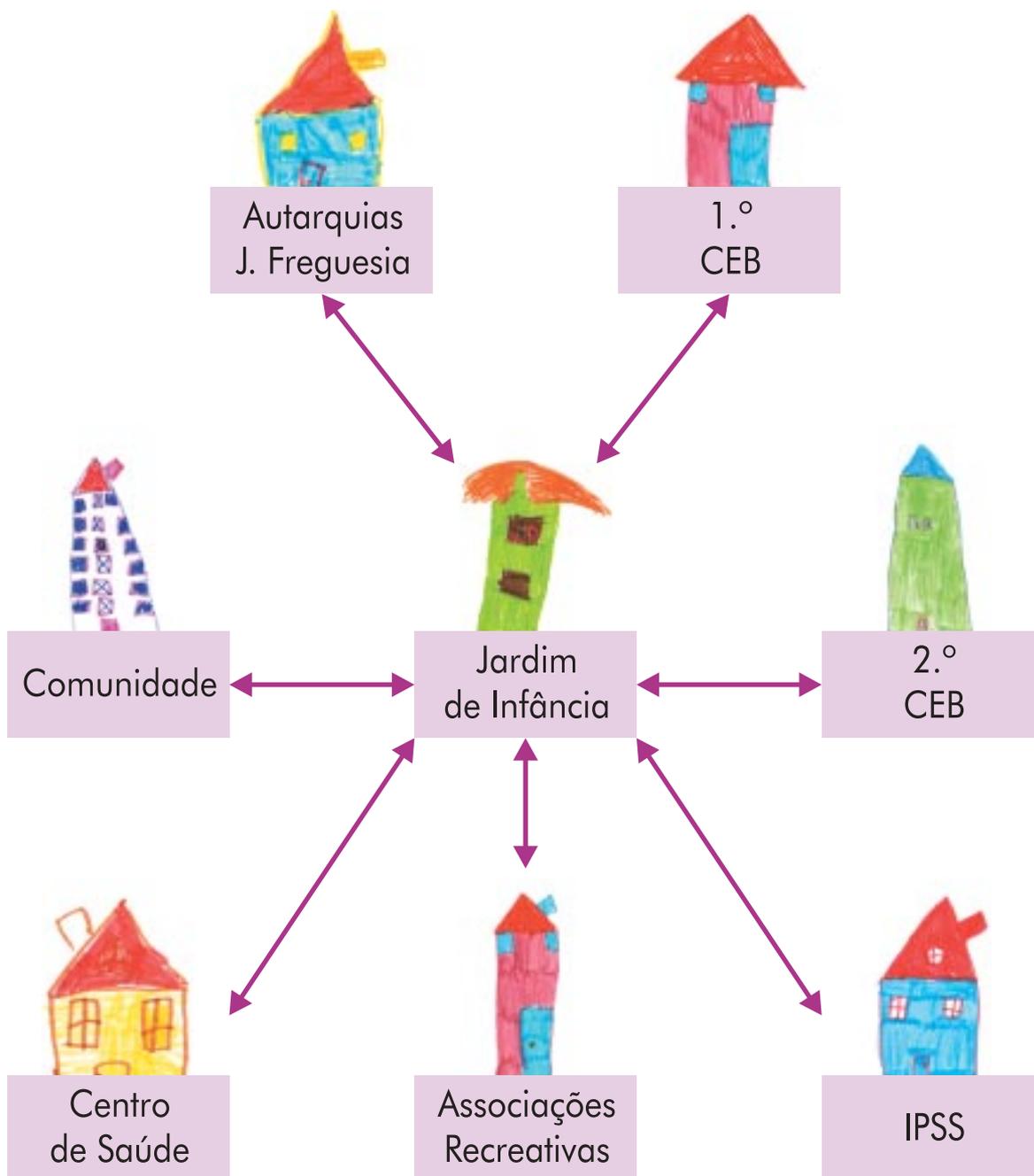


\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 6\*

### As Inter-relações na Comunidade Educativa



\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 7\*

# Princípio Geral e Objectivos Pedagógicos da Educação Pré-escolar

“A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo da educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

*“Lei Quadro da Educação Pré-Escolar”*



*Jardim de Infância de Marco Cabaço*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 8\*

### Objectivos da Educação Pré-escolar

- a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente, no âmbito da saúde individual e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

*Lei Quadro da Educação Pré-Escolar. Lei 5/97 — 10/2*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 9\*

### O que é o Jardim de Infância?

“Espaço de transição entre a família e a escola, é o local privilegiado para a realização da educação pré-escolar. É um espaço educativo pensado e organizado em função da criança e adequado às actividades que nele se desenvolvem. O Jardim de Infância oferece condições que permitem à criança descobrir e relacionar-se com o mundo à sua volta”.

*Publicações do ME/DEB  
“Dos 3 aos 5 anos no Jardim de Infância”*



---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 10\*

### 1.ª Etapa

A Educação Pré-Escolar é a 1.ª etapa do sistema educativo português e antecede a escolaridade obrigatória, fixada presentemente em nove anos.

De frequência facultativa, abrange:

As crianças a partir dos três anos até à idade de ingresso no ensino básico.

A educação pré-escolar é o ponto de partida para um percurso de sucesso em educação. A sua frequência tem reflexos positivos na vida futura do cidadão.



Jardim de Infância de Terrim

\* Utilizável em transparência.



Vai assim permitir à criança:

- Desenvolver a segurança e o equilíbrio afectivo;
- Conhecer o seu corpo;
- Desenvolver capacidades motoras;
- Adquirir autonomia progressivamente;
- Relacionar-se com os outros e respeitá-los;
- Comunicar e expressar-se através de diferentes linguagens;
- Desenvolver a imaginação e a criatividade;
- Aprender, fazendo ou experimentando;
- Observar e compreender o meio onde vive;
- Desenvolver a curiosidade e o espírito crítico.



*Ludoteca Girassol — Torres Vedras*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 11\*

### Funções dos Intervenientes

#### EDUCADORA DE INFÂNCIA

- É responsável pela intervenção pedagógica, planifica a acção educativa tendo em atenção o grupo de crianças e o seu meio familiar e social, à luz das Orientações Curriculares.
- Responde pela articulação entre componente educativa e componente de apoio à família.
- Integra e gere os recursos disponíveis da comunidade de forma a enriquecer as actividades de Jardim de Infância.
- Organiza de modo atraente o espaço em que as crianças se movimentam, para criar no Jardim de Infância um ambiente favorável à aprendizagem, atendendo à componente de apoio à família.

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 11a

### Funções dos Intervenientes

#### AUXILIAR DE ACÇÃO EDUCATIVA

- Apoiar as actividades pedagógicas realizadas pela Educatriz de Infância.
- Manter o Jardim de Infância nas melhores condições de higiene.
- Fazer a manutenção do espaço exterior, tornando-o agradável.
- Zelar pelo bom estado de conservação dos materiais usados pelas crianças.



*Jardim de Infância de Marco Cabaço*

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 11b

### Animador

Considerando que as actividades de animação se enquadram no projecto educativo do estabelecimento, têm como grande objectivo o apoio às famílias, organizando-se de modo a que o fruir ligado ao prazer e ao bem estar das crianças seja o sentido da intervenção do animador.

O animador deverá ser preparado para:

- Planificar a sua acção com o Educador de Infância ou Director Pedagógico de modo a promover um ambiente de calma, segurança e bem estar, o mais próximo possível do ambiente familiar;
- Favorecer um clima de ludicidade, criando e recriando situações diferentes das do currículo do Jardim de Infância;
- Ter em atenção os desejos dos ritmos individuais de cada criança num tempo específico que deverá ser de ócio e de lazer;
- Saber gerir o tempo e organizar o espaço, atendendo ao grupo e sobretudo ao ritmo de cada criança, tendo presente que algumas regras básicas são indispensáveis;
- Promover com as crianças cuidados de manutenção dos materiais;
- Saber comunicar com as famílias em estreita ligação com as orientações definidas em projecto educativo;
- Fomentar o trabalho de participação e cooperação, integrando a presença e os saberes dos irmãos mais velhos, dos pais, dos avós e outros elementos da comunidade.

---

\* Utilizável em transparência.



## Módulo IV

### Textos e Materiais de Apoio

95

DOCUMENTO 1

Animação

97

DOCUMENTO 2

Reflexões sobre o Jogo e o Brincar

99

DOCUMENTO 3

Brincar... Brincar Bem... Brincar até ao Céu

100

DOCUMENTO 3a

Brincar...

101

DOCUMENTO 4

“Brincar é a Actividade mais Séria da Criança”

102

DOCUMENTO 4a

Brincar... do avô ao neto

103

DOCUMENTO 5

Brincando às Revoadas

104

DOCUMENTO 5a

Brincar ... Galopar como um Cavalo

105

DOCUMENTO 6

O Conto Popular

106

DOCUMENTO 6a

O Pintainho e o Baguinho de Milho

108

DOCUMENTO 7

Um Livro é um Amigo

109

DOCUMENTO 8

A Criança e os Jogos Tradicionais

111

DOCUMENTO 8a  
Machadinha

112

DOCUMENTO 8b  
O Bom Barqueiro

113

DOCUMENTO 8c  
Rato e Gato

114

DOCUMENTO 8d  
Jogo das Prendas ou do Anel

115

DOCUMENTO 8e  
Gincana

116

DOCUMENTO 9  
Fantoques

118

DOCUMENTO 10  
Lengalenga

121

DOCUMENTO 11  
Canções

123

DOCUMENTO 12  
Biblioteca do Animador — Sugestões

124

DOCUMENTO 12a  
Alguns Livros Aconselháveis  
para uma Biblioteca em Jardim de Infância



## DOCUMENTO 1\*

### Animação<sup>(1)</sup>

*Animar* — segundo referem os dicionários — é dar vida, dar alma, imprimir movimento, transmitir força e energia, dar impulso a um empreendimento.

A propósito da animação, Toraylle escreveu: "*Animar é aceitar apagar-se, pôr-se em relação e desenvolver os feixes da comunicação e informação. (...)*

*Animar é despertar os outros, respeitando-os e considerando-os, desde o primeiro contacto, como pessoas a quem se dá, mas de quem já muito se recebeu. (...)*

*Animar é, antes de tudo e para além de um conjunto de técnicas, uma atitude interior e um estado de espírito".*

Esta visão não pressupõe nem conduz, como alguns possam concluir, a uma dimensão do animador ou a uma atitude ingénuas e irresponsáveis da sua parte. Ela realça, antes de mais, a importância da animação, enquanto processo de autonomização, o qual só é possível num contexto de reciprocidade, de algo e partilha animador-formando, mantendo cada um destes o seu estatuto e papel.

A animação desenvolve-se em dois tempos interdependentes e interactivos: reflexão-acção. No primeiro procura-se a compreensão da realidade; no segundo investe-se na sua transformação. São dois momentos de um mesmo processo ou duas etapas de uma mesma caminhada. A reflexão ilumina e orienta a acção; a acção confirma e reforça a reflexão.

A união da prática-teoria é, assim, a relação motora da animação.

---

(1) *In Guia do Animador — Uma Actividade de Formação — de Paulo Trindade (Pág. 163).*

\* Utilizável em transparência.





## DOCUMENTO 2

### Reflexões sobre o Jogo e o Brincar

*“Tenho muitas crianças na clínica que vêm falar comigo porque vivem sob tensão, sob stress. Vemos, por exemplo, cada vez mais crianças com doenças psicossomáticas, crianças de 7 ou 8 anos com úlceras no estômago... coisas que não se viam antigamente... crianças com tiques nervosos, casos em que o stress é bem evidente. Mas há também muitas crianças que nos vêm consultar porque têm dificuldades na escola, dificuldades de aprendizagem ou de comportamento e que estão muito inquietas e com medo de não serem bem sucedidas. É que, em termos sociais, hoje em dia, há uma grande pressão para o sucesso a todo o custo.”*

*Daniele Laporte — Psicóloga — Canadá, In Documentário “Sinais dos Tempos”.*

**(...) “Os Estados — Partes, reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito a participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística”.**

*(Artigo 31.º da Convenção dos Direitos da Criança).*

A redução dos tempos e espaços lúdicos, a falta de segurança do espaço — rua (tradicionalmente um mundo de descobertas através do jogo), o desaparecimento da família alargada, a sobreposição de critérios de racionalidade, utilidade, sucesso e a oferta desenfreada de brinquedos industrializados (altamente sofisticados) alteraram por completo os hábitos de jogo, nas duas últimas décadas... A actividade corporal foi sendo reduzida e os hábitos sedentários instalaram-se. A capacidade criativa de resolver questões práticas foi esmorecendo. Os processos socializantes de relação/convívio/partilha no antigo brincar em grupo vão-se perdendo. As crianças perderam o hábito de construir os seus próprios objectos e espaços de jogo. Perderam a noção da gratuitidade da actividade lúdica e integraram a ideia de que o esforço só vale a pena provindo da imposição de um superior ou a troco de um concurso, de prémios ou qualquer outra forma negocial ou de competição. Está desvirtuado o sabor e o sentido do jogo.

Recuperar e defender a noção de tempo livre é urgente. Este tempo não é para desprezar nem para invadir. É tempo de vida humana, verdadeira. Deve ser fruído de forma total, autêntica, com qualidade. A actividade lúdica comporta experiências cognitivas, afectivas e socializadoras que marcarão o indivíduo para o resto da vida. O domí-



nio da inteligência prática, a autonomia de pensamento e acção, a perseverança, a organização de estratégias dirigidas para um fim e toda uma série de aquisições de valores de partilha, cooperação e solidariedade se aprendem através do jogo.

A animação dos tempos livres deve procurar recuperar o verdadeiro sentido do jogo e do brincar, nesta sua dimensão humana global. Deve procurar colmatar a indisponibilidade da Família, da Escola e do Meio para proporcionar momentos de lazer (direito a “estar só a estar...”) e momentos lúdicos vividos de forma natural, ritual e feliz, recuperando laços com a natureza e a comunidade, numa tentativa consciente de recuperar valores e de contrariar as tendências que a sociedade de consumo instalou, pervertendo a concepção de jogo.

*A descoberta/exploração da Natureza e da Comunidade em volta, a rentabilização dos seus espaços e materiais de jogo (bem como dos seus recursos humanos), a concretização de projectos lúdicos pessoais revelados pelas crianças, a dinamização de actividades essencialmente lúdicas e imaginativas, a recuperação de actividades e formas de brincar tradicionais... serão alguns dos caminhos possíveis para a animação sócio-educativa na educação pré-escolar.*

*Importante será valorizar os rituais nesta vivência lúdica: retomar momentos e espaços significativos, enquanto derem prazer ao grupo, criar laços de referência com locais, pessoas e actividades mais marcantes... e voltar a eles, enquanto fizer sentido.*

*A preocupação de diversificar a experiência da criança é importante, mas não deve nunca fazer-nos perder de vista a importância dos ritmos de repetição. Os rituais sempre foram e serão um elemento fundamental do jogo e do brincar. Eles dão prazer, conferem segurança... e são responsáveis pelas melhores recordações que guardamos da infância.*

*Helena Martinho*



### DOCUMENTO 3

## Brincar... Brincar Bem... Brincar até ao Céu



Foto: M. Odete — Educadora de Infância

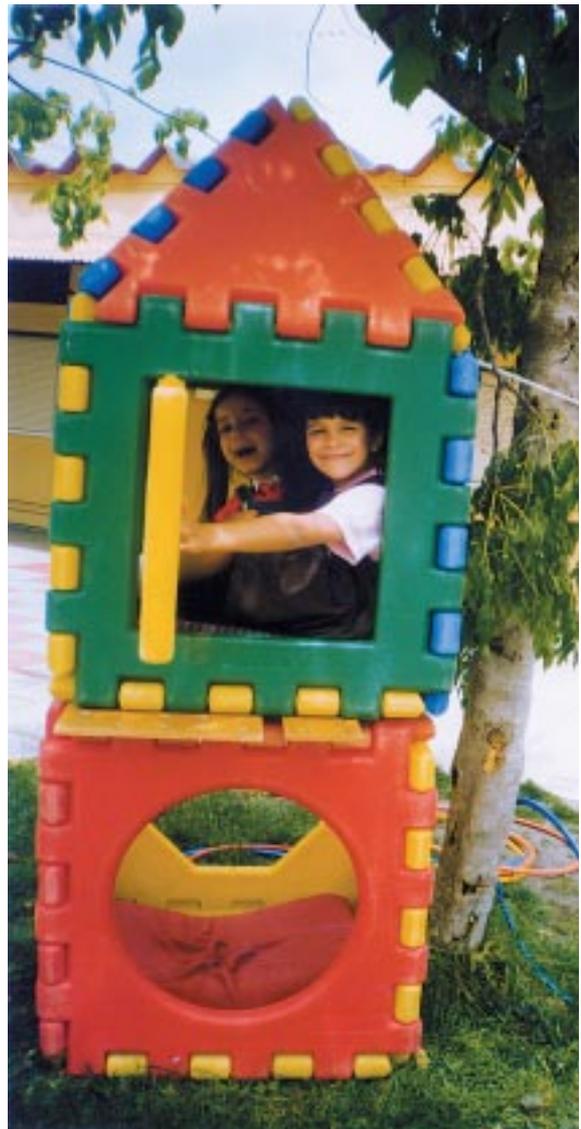
No decorrer de uma conversa realizada com crianças, 5/6 anos, em situação de prolongamento de horário em Jardim de Infância fazia-se a seguinte pergunta:  
O que gostariam mais de fazer ao fim da tarde?

Gostamos de:

- *Brincar... brincar bem... brincar até ao céu...*
- *Trabalhar na sala mágica, fazer teatro, ler nos livros e ouvir as histórias da Paula, ah! E as histórias da D. Deolinda, do filho dela e do marido;*
- *Apanhar pedrinhas, bichos, coisas da natureza para fazer colecções;*
- *Brincar, jogar à bola e à apanhada; saltar à corda;*
- *Fazer barro, brincar, fazer papel;*
- *Brincar, andar de bicicleta, estar em casa com as primas, estar em casa dos meus tios;*
- *Brincar, fazer desenhos, gosto de ir até à praia;*
- *Brincar com os carros, de ver os bonecos da televisão, ver livros, gosto de queijo e de manteiga;*
- *Gosto de estar com os meus pais e com os avós;*
- *Jogar ao jogo do computador;*
- *Jogar à macaca; jogar ao berlinde;*
- *Ir para casa brincar com as bonecas;*



## DOCUMENTO 3a\* Brincar...



*Ludoteca Girassol — Casa do Povo — Torres Vedras*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 4\*

# “Brincar é a Actividade mais Séria da Criança”

*Montaigne*



*Foto: Jardim de Infância Pinto Calçudo*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 4a\*

### Brincar... do Avô ao Neto



*Foto: Helena Martinho — Educadora de Infância*

---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 5

### Brincando às Revoadas

Brincar é um acto espontâneo, voluntário e natural nas crianças. Brinca-se com o que se tem à mão, porque um simples pauzinho pode servir de avião. O contexto ambiental tem a maior das importâncias porque é este que vai determinar o estilo de brincadeiras e, por conseguinte, de experiências e aprendizagens que a criança vai fazer, influenciando mesmo a sua personalidade. Uma criança do campo pode brincar às casinhas, aos jantarinhos, às feiras. Pode jogar às escondidas entre as searas ou galopar como um cavalo. Enfim, os seus jogos tendem a imitar e reproduzir as vivências dos adultos.

Se o habitat é específico de serra, então as brincadeiras espontâneas têm a expressão, eu diria mesmo a cor, do contexto envolvente e, por isso, as pedras — lages grandes e lisas — são espaços gostosos de suporte onde se pode desenhar com um calhau mais pequeno. Também servem de base aos mais variados puzzles e desenhos. Os jogos de imitação aproximam-se também do real circundante e por isso não é de estranhar depararmo-nos com pequenas fortalezas esboçadas em qualquer terreiri-

nho. As crianças brincam com o cabrito como se fosse um irmão, atribuindo-lhe nomes afectivos como “Branquinha”, “Galdéria”, “Malhadinha”...



As brincadeiras, sobretudo as colectivas, têm ritmos e formas “ao sabor” das épocas do ano. Diz-se em linguagem popular que os cachopos brincam às revoadas. Brincam conforme faz frio ou calor, constituindo os elementos naturais os mais apreciados brinquedos.

*Maria Odete — educadora de infância*



## DOCUMENTO 5a

### Brincar... Galopar como um Cavalo

Cavalinho cavalinho  
Que baloiça nunca tomba  
Ao montar meu cavalinho  
Voo mais do que uma pomba

Cavalinho cavalinho  
De madeira mal pintada  
Ao montar meu cavalinho  
As nuvens são minha estrada

Cavalinho cavalinho  
Que o meu pai me ofereceu  
Ao montar meu cavalinho  
Toco as estrelas no céu.

*Autor desconhecido*



*Foto de Helena Martinho — Educadora de Infância*



## DOCUMENTO 6

### O Conto Popular

Originariamente de transmissão oral, o conto popular é representativo da memorização das histórias criadas pelo sujeito falante e da sua relação com a comunidade. Embora seja uma invenção, o seu autor tem que respeitar as condicionantes do imaginário colectivo, para que possa permanecer e ser salvaguardado pela própria comunidade.

A sua organização narrativa é, então, familiar a um auditório, uma vez que transporta o conhecimento de um código colectivo, no qual se transmitem determinados valores e nos quais se alicerçam as diferentes formas de relacionamento da comunidade. O reconhecimento desses valores e da narrativa colectiva, não obstante o facto de estarmos diante de um campo de criação que transporta, em si, toda a carga emocional da imagética colectiva e que reflecte todos os seus receios, inquietações, fantasmas ou dúvidas que originam o seu condicionamento, em termos de conteúdo e de emissão. Tal como a religião, também o conto pertence ao carácter comunitário e a sua estrutura ordenada simbolicamente pertence ao conjunto das significações inseridas num universo inconsciente, que serve de arquétipo às crenças da própria comunidade. A voz subjacente ao conto não é a voz do autor individual, mas sim a voz do autor colectivo que, no contar e recontar, exorciza os elementos maléficos do real e que nos faz perceber que o conto é uma obra sem espaço nem tempo, universalmente aceite pelo imaginário popular.

Este tipo de transmissão dá origem à produção de variantes, pois cada emissor é também um receptor que altera o discurso que ouviu contar, acrescentando ou omitindo pormenores, de acordo com a sua própria sensibilidade, criatividade e capacidade de memorização, a qual Lotman caracteriza como o “acto de contar de si para si”.

*Gabriela, L. Conceição, J. in Análise de Texto, Porto Editora*



*Jardim de Infância de Marco Cabaço*



## DOCUMENTO 6a

### O Pintainho e o Baguinho de Milho

Era uma vez um pintainho que andava a passear na estrada. Encontrou um baguinho de milho. Ficou todo contente e ia apanhá-lo, mas nisto passou a carruagem do rei, que vinha de uma caçada numa grande correria. O pintainho assustou-se e fugiu. Quando a carruagem já lá ia adiante, o pintainho voltou ao meio da estrada pelo baguinho de milho. Pôs-se a procurá-lo, a procurá-lo, mas não o encontrou. E vai, pensou assim:

Foi por causa do rei que eu perdi o meu baguinho de milho. Pois vou ao palácio, pedir-lhe que mo dê.

E pôs-se a caminho.

Andou, andou e a certa altura, muito cansado, sentou-se numa pedra a descansar. A pedra perguntou-lhe:

- Ó pintainho, onde vais com tanta pressa?
- Vou ao palácio do rei pedir o meu baguinho de milho.
- Oh! Se me levasses contigo era tão bom!
- Queres vir comigo? Mete-te dentro do meu papinho!

A pedra meteu-se dentro do papo do pintainho e ele continuou o seu caminho.

Chegou lá adiante, estava outra vez muito cansado, encontrou o machado de um lenhador que tinha ido almoçar e sentou-se no cabo do machado a descansar. O machado perguntou:

- Ó pintainho, onde vais com tanta pressa?
- Vou ao palácio do rei pedir o meu baguinho de milho.
- Oh! Se me levasses contigo era tão bom!
- Queres vir comigo? Mete-te dentro do meu papinho!

O machado meteu-se dentro do papo do pintainho e ele continuou o seu caminho.

Lá mais adiante, estava outra vez muito cansado, sentou-se à beira de um ribeiro, que lhe perguntou:

- Ó pintainho onde vais com tanta pressa?
- Vou ao palácio do rei pedir o meu baguinho de milho.
- Oh! Se me levasses contigo era tão bom!
- Queres vir comigo? Mete-te dentro do meu papinho!

O ribeiro meteu-se dentro do papo do pintainho, que continuou o seu caminho, até que chegou defronte do palácio do rei. Então, pôs-se a cantar:

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!
- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!



O rei mandou um criado saber o que se passava. O criado foi e voltou e disse:

- Está ali um pintainho que diz que quer o baguinho de milho que o rei lhe fez perder.
- Ora o atrevido! Mete-o na capoeira!

O criado meteu o pintainho na capoeira, mas ele assim que se viu fechado disse:

- Machado, salta do papinho e parte-me esta porta.

O machado partiu a porta e o pintainho voltou para defronte do palácio.

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!
- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

O rei, muito zangado, chamou o criado e ordenou:

- Mete-me esse pintainho dentro de um pote e tapa-o bem tapado, para ele não fugir.

O criado assim fez, o pintainho, quando se viu dentro do pote disse:

- Pedra, salta do meu papinho, e parte-me este pote.

A pedra partiu o pote e o pintainho voltou para defronte do palácio do rei:

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!
- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

O rei ficou ainda mais furioso, e gritou para o criado:

- Mete-me esse pinto dentro do forno quando ele estiver bem quente.

O criado assim fez, e o pintainho, quando se viu dentro do forno, disse:

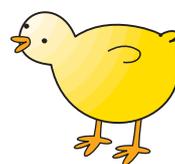
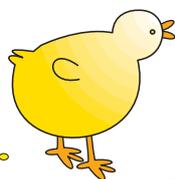
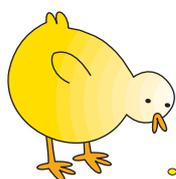
- Ribeirinho, salta do meu papinho e apaga-me este forno.

O ribeirinho apagou o forno e o pintainho voltou para defronte do palácio.

- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!
- Qui-qui-ri-qui, meu baguinho de milho já para aqui!

Então o rei mandou ir o pintainho à sua presença e ele contou como tinha perdido o baguinho de milho que achara na estrada, por ter passado a carruagem real. Por isso estava ali a pedir o baguinho de milho.

O rei deu-lhe razão, mandou-lhe entregar um grande saco de milho e o pintainho foi-se embora, todo contente.



In: *Histórias Tradicionais*,  
1988, ME



## DOCUMENTO 7\*

# Um Livro é um Amigo

Livro  
Um amigo para falar  
Comigo  
Um navio para viajar  
  
Um Jardim para brincar  
  
Uma escola para levar  
Debaixo do braço  
  
Um abraço para além  
Do tempo e do espaço.

*Maria Luisa Ducla Soares*



---

\* Utilizável em transparência.



## DOCUMENTO 8

### A Criança e os Jogos Tradicionais

Os jogos tradicionais, praticados, em todo o mundo, desde há séculos, foram transmitidos de geração em geração, fazendo parte de todos os tempos.

Jogados pelas crianças ou pelos adultos, muitos deles com origem em práticas religiosas ou pagãs, foram frequentemente adaptados às situações do momento, aos condicionalismos da região, ou à maneira de ser dos seus habitantes; isso explica as versões diferentes de um mesmo jogo de uma região ou de um país para o outro.

Se observarmos as crianças que jogam à macaca, ao pião, saltam à corda... num pátio da escola, num jardim ou num canto do bairro onde vivem, verificamos que os praticam com enorme alegria e prazer. Quando jogam o **corpo** não é só instrumento de **acção** que produz e consome energia, como também é instrumento de **expressão** e de **comunicação**.

Assim, podemos afirmar que os **jogos tradicionais** constituem uma actividade extraordinariamente rica, que contribui para o desenvolvimento da **criança**, pelo que devem ser considerados um **meio educativo**.

O **dinamismo lúdico** e a **carga afectiva** que encontramos nos **jogos tradicionais** contribuem para:

- a integração em grupo
- a aquisição de uma certa disponibilidade corporal
- o desenvolvimento do sentido rítmico
- o enriquecimento oral da linguagem
- a formação da personalidade

No entanto, os jogos tradicionais tendem a desaparecer. Cada vez mais as crianças dispõem de espaços livres mínimos, cada vez mais a tecnologia (televisão, vídeo computadores...) fazem esquecer esta forma saudável de ocupação dos seus tempos livres.

Para que isso não aconteça é importante que **educadores, professores e animadores** se encarreguem de os transmitir, quer na ocupação dos tempos livres, pois os jogos tradicionais não são uma actividade menor, mas antes uma forma superior de desenvolver toda a organização, orientação e estruturação espacial da criança.



MÓDULO IV — TEXTOS E MATERIAIS DE APOIO



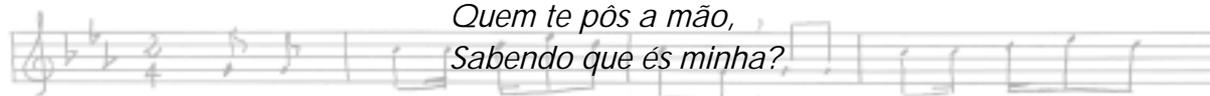
*Ludoteca Girassol — Torres Vedras*



## DOCUMENTO 8a Machadinha

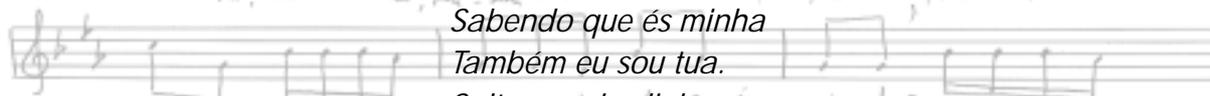
É um jogo de roda com a seguinte cantiga:

*Ai, ai, ai,  
Minha machadinha!  
Quem te pôs a mão,  
Sabendo que és minha?*



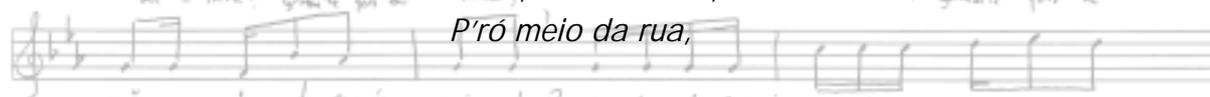
*Ai, ai ai, mi-nha ma-chá-di-nha! Ai, ai ai, mi-nha ma-cha*

*Sabendo que és minha  
Também eu sou tua.*



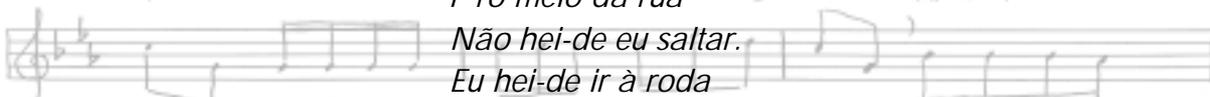
*di-nha! Quem pôs a mi-nha? Quem pôs a*

*Salta, machadinha,  
P'ró meio da rua,*



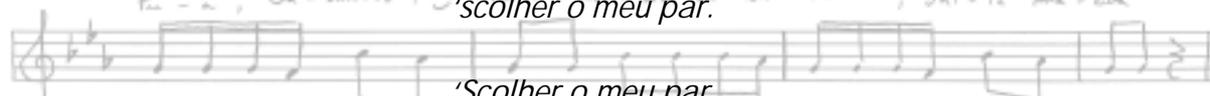
*mão, sa-ber-do que és mi-nha? Quem pôs a mi-nha tam-bém eu sou*

*P'ró meio da rua*



*tu-a, sa-ber-do que és mi-nha tam-bém eu sou tu-a, sal-ta ma-cha*

*Não hei-de eu saltar.  
Eu hei-de ir à roda  
'scolher o meu par.*



*di-nha por me-i-o da rua sal-ta ma-cha di-nha por me-i-o da rua*

*'Scolher o meu par,  
Eu bem sei quem é.*

*É um rapazinho  
Chamado José.*

Cabral, A. "Jogos Populares Infantis"  
(1991) Editorial Notícias

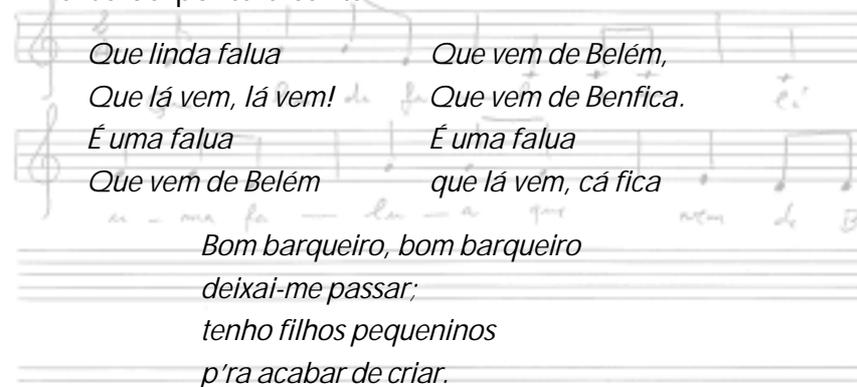


## DOCUMENTO 8b

### Bom Barqueiro

Duas crianças fazem de ponte, combinando entre si o nome que se dão mutuamente: banana e maçã, por exemplo. Para fazerem a ponte, colocam-se de frente, levantam os braços, com as mãos estendidas, tocando-se com as pontas dos dedos.

Outras crianças (número variável) dispõem-se em fila, pondo as mãos nos ombros ou na cintura. É o comboio. A criança da frente representa a máquina. O comboio aproxima-se da ponte e canta:



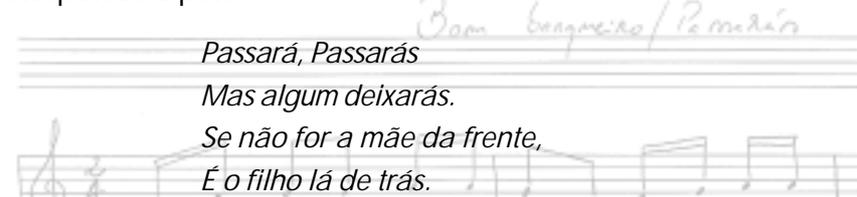
*Que linda falua                      Que vem de Belém,  
Que lá vem, lá vem!                Que vem de Benfica.  
É uma falua                            É uma falua  
Que vem de Belém                    que lá vem, cá fica*

*Bom barqueiro, bom barqueiro  
deixai-me passar;  
tenho filhos pequeninos  
p'ra acabar de criar.*



in Aprender Cedo de Dorothy Eiron — Editorial Estampa

Responde a ponte:



*Passará, Passará  
Mas algum deixará.  
Se não for a mãe da frente,  
É o filho lá de trás.*

Fica na ponte a última criança a passar. O comboio continua cantando. Entretanto, a ponte pergunta à criança que lá ficou:

— Queres maçã ou banana.

Consoante a resposta, assim se coloca atrás da *banana* ou da *maçã*. O processo repete-se até à *mãe* ou *máquina* que tem de passar pela ponte três vezes, a correr. À terceira, agarram-na e fazem-lhe a pergunta que fizeram às outras, colocando-se assim atrás da *banana* ou da *maçã*. Todas as crianças se agarram então umas às outras e começam a puxar com força, até uma criança se desligar. Note-se que as crianças se agarram, por trás, pondo as mãos em volta da cintura umas das outras, mantendo as crianças que fazem de ponte a posição inicial, dando as mãos direitas e puxando cada qual para seu lado, encabeçando as duas filas.

Cabral, A "Jogos tradicionais Infantis" (1991) Editorial Notícias

A Cantilena tem variantes.



## DOCUMENTO 8c Rato e Gato

1. Por sorteio designa-se qual o gato e qual o rato.
2. As crianças fazem uma roda e, depois disso, dar-se-á início ao jogo, que consiste no seguinte:
  - o rato e o gato estão no meio da roda;
  - o rato sai desta por entre duas crianças (ponto que se chama casulo) e voltará a entrar e a sair por onde entender;
  - o gato terá de passar obrigatoriamente nos casulos do rato.
3. Se o gato apanhar o rato, legalmente, é o vencedor; enganando-se nos casulos ou desistindo por cansaço, o vencedor é o rato.
4. Terminado o jogo, pode iniciar-se outro com outro gato e outro rato. Para apurar um vencedor único, o jogo continua só entre os vencedores.

In Jogos em Jardins de Infância  
Vol. I e II — ME — 1987





## DOCUMENTO 8d

### Jogo das Prendas ou do Anel

#### Caracterização geral

Jogo/passatempo, praticado durante todo o ano, nos pátios.

#### Participantes

Elementos de ambos os sexos, sem número definido.

#### Descrição

Os praticantes sentavam-se no chão, em círculo. Um deles, normalmente uma rapariga mais crescida, a mãe, recebia de todos os outros uma prenda que escondia no regaço; seguidamente, agarrava num anel que colocava entre as mãos fechadas e esticadas, e ia passando com elas por entre as mãos dos outros, que também se encontravam com as mãos na mesma posição.

A mãe deixava cair o anel nas mãos de quem escolhesse (e este não podia dar a perceber aos outros que o tinha), perguntando: O que se há-de fazer ao dono da prenda que está para sair?

Então, o jogador que tinha o anel em seu poder, mostrava-o aos restantes e era ele quem ditava o “castigo” a dar ao dono da prenda que a mãe retirava do seu regaço.

O castigo era, normalmente, dar um beijo a todos os participantes, bater à porta de uma vizinha, etc.

*In Bonecos de Madeira de Jorge Rua de Carvalho.*



## DOCUMENTO 8e

### Gincana

Este jogo pode desenvolver a destreza, a agilidade, o equilíbrio, a calma, a atenção, o domínio de movimentos, a orientação e o espírito de equipa.

Tem o aspecto de uma corrida em que há obstáculos a vencer.

Ganha o concorrente que fizer tudo melhor e em menos tempo (para a classificação deste jogo, atribuem-se pontos à velocidade e perfeição).

Uma gincana pode constar do seguinte:

1. Correr metido dentro dum saco atado na cintura.
2. Corridas de duas pessoas com a perna esquerda duma atada à perna direita da outra.
3. Correr com uma colher na mão sobre a qual se pretende equilibrar uma batata.
4. De olhos tapados, fazer um desenho num quadro ou papel pregado numa parede. Ganha quem fizer o desenho mais depressa.
5. Com os olhos tapados, fazer um percurso por entre bilhas de barro. Cada concorrente pode orientar-se com um pau, que leva na mão. Ganha quem chegar ao fim em menos tempo e sem partir nenhuma bilha.
6. Conseguir comer um rebuçado ou um bolo, que estão pendurado na ponta de um fio sem se servir das mãos que devem estar atrás das costas. Ganha quem conseguir fazer isto mais depressa.



PAIC-DEB/NEP — Galinheiras



## DOCUMENTO 9

### Fantoches

Brinquedo privilegiado como mediador entre o *Eu* e o *Outro*.

Utilizado pela Educadora

- *Para comunicar*
- *Para se relacionar afectivamente*
- *Para motivar a criatividade*
- *Para “fazer” surpresa*

Utilizado pela Criança

- *Individualmente*
- *Em pequeno grupo para ninguém*
- *Em grupo para concretização de um projecto “jogo mais elaborado”*

### Algumas Técnicas de Fazer Fantoches

Fantoches de Vara<sup>(1)</sup>

Os fantoches de vara são movidos por meio de varas presas ao corpo ou à cabeça. Estes títeres são muito interessantes porque se movimentam em toda a extensão do palco e ao seu nível, graças às varas. Os bonecos ou animais são feitos à semelhança do real. O corpo é estofado com algodão, dando-lhes forma e as roupas caprichosamente confeccionadas.



(1) Fantoches de vara — boneco que movimentamos ao nível do palco.



## Bonecos de Sombra<sup>(2)</sup>

Estes bonecos consistem em silhuetas feitas em cartolina preta ou outro papel similar. Atrás de cada figura, prende-se uma varinha de madeira e o seu manejo assemelha-se ao dos fantoches de vara.

Os bonecos não ficam, ao contrário dos outros tipos, directamente em contacto com o público, sendo necessário uma tela de papel transparente, atrás da qual eles serão movimentados.

A fim de se obter o contraste imprescindível, usa-se um forte foco de luz, cuja localização merece certo cuidado. Obtém-se óptimos efeitos de luz quando se passa, pelo foco, uma grande tira de papel celofane emendado com diversas cores. Desta forma, para um dia ensolarado, passa-se a faixa amarela.

Quando se deseja realçar objectos ou personagens, deve-se aproximá-los o mais perto possível da tela.

## Fantoches em pasta de madeira ou de papel

Para o fantoche em pasta de papel faz-se uma boneca de tecido ou com um balão para fixar num pau de vassoura. Cortam-se tiras de papel de jornal e molha-se em cola de madeira ou cola em pó e vão-se sobrepondo as tiras umas sobre as outras à volta da boneca de tecido. Moldam-se as feições que se desejam. Acrescentam-se os adereços enquanto a pasta está molhada. Deixa-se secar para poder pintar.

## Fantoches de meia tipo soquete

Vira-se um calcanhar de um pé de meia tipo soquete para cima. Corta-se a ponta da meia que irá formar a boca. Num pedaço de fazenda dobrada, preta ou vermelha, corta-se o interior da boca, costurando-a pelo avesso da meia juntamente com a língua e os dentes, ambos confeccionados em feltro.

*Adaptação in Teatro de Fantoches na Escola Dinâmica*



(2) Os bonecos ficam atrás da tela transparente. A luz fará o contraste.



## DOCUMENTO 10

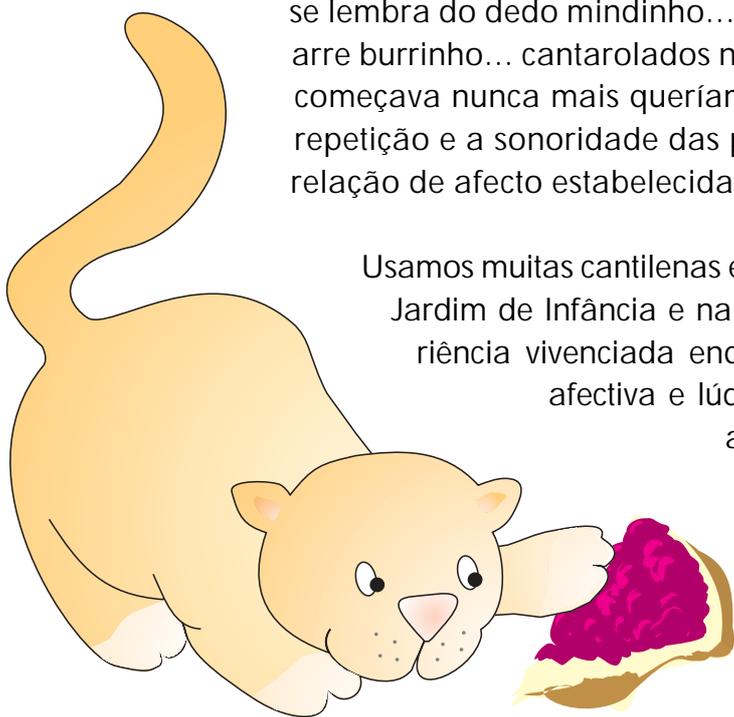
### Lengalenga

*Sape gato  
lambareiro  
tira a mão  
do açucareiro  
tira a mão  
tira o pé  
do açúcar  
do café*

As pessoas de um modo geral, e as crianças em particular, gostam de cantilenas e lengalengas. O gosto por esta forma de dizer e de cantarolar está muito ligado à motivação profunda que cada pessoa tem para comunicar, para passar à geração seguinte o seu traço fundamental, as suas aquisições, os seus costumes e saberes.

Em todas as culturas, sobretudo nas mais enraizadas em meios rurais, a repetição agradável e melodiosa de palavras simples constituem a primeira escola para os mais pequenos. As palavras, conjugadas em rimas, ora ricas de conteúdo, ora simplesmente brincalhonas, como que dão o mote aos mais velhos para que o fio de ligação inter-gerações e inter-culturas se mantenha através dos séculos. Quem não se lembra do dedo mindinho... do tão badalão... do lagarto pintado... do arre burrinho... cantarolados nos joelhos dos avós e dos pais? Quando se começava nunca mais queríamos que acabasse. Não seria só o jogo de repetição e a sonoridade das palavras que nos encantavam, mas toda a relação de afecto estabelecida com a pessoa que para nós se inclinava.

Usamos muitas cantilenas e lengalengas na relação com as crianças no Jardim de Infância e na Escola. Sabemos pela nossa própria experiência vivenciada enquanto pequenos, que esta forma simples, afectiva e lúdica de comunicar, foi o princípio do nosso aprender a falar, a ler e a escrever. Importa agora que lhe juntemos um traço novo próprio do caminhar dos tempos. Vamos dizê-las, cantá-las e vivê-las com todo o corpo, porque o corpo também fala.





### Sugestões para trabalhar uma lengalenga

- Dizer a lengalenga de forma agradável e ensinar a dizer por partes;
- Fazer a divisão silábica com ritmos diferentes;
- Dizer em grupos em forma de jograis;
- Dizer cada um uma palavra, tendo em conta a cadência da lengalenga sem quebras;
- Uma palavra para cada pessoa cantada, a rir, a chorar, etc.;
- Jogos de pergunta e resposta com frases cantadas, em diferido e livre (é importante o espaço para a criatividade);
- Locomoção com três ritmos diferentes;
- Locomoção em grupos, cada qual com ritmo diferente;

#### Variações

Imaginar o jardim dos apressados, o jardim dos molengões, etc.

Segmentação com a lengalenga — movimentar uma parte do corpo ao ritmo da palavra.

Lengalenga associada ao movimento de todo o corpo e à intensidade da voz.

Escolher frases ou grupo de palavras animadas por um ritmo e uma melodia.

Formar grupos e procurar uma coreografia.

#### Variações

Dramatizar a lengalenga;

Recriar a lengalenga;

Fazer jogos de associação e inventar novas lengalengas.

#### Exemplos

*Varre, varre  
Vassourinha,  
Se varreres bem,  
Dou-te um vintém  
Se varreres mal  
Dou-te um real  
Vai-te pôr  
Naquele altar!*

*Joaninha voa voa  
Que o teu pai foi p'ra Lisboa  
Com um saco de farinha  
Para dar à Joaninha*





## DOCUMENTO 11

### Canções

#### Uma Laranja

O meu pai deu-me uma laranja,  
que cheirinho que ela tem.  
é redonda e amarela  
tenho fome, calha bem.

In histórias cantadas de Ana Maria Ferrão  
e Madalena Sá Pessoa. Ed. Plátano.  
Direitos Reservados M.E

#### Com o Vento de Mansinho

**A**

I

As velas do moinho  
Hum-hum, hum-hum (boca fechada)  
Com o vento de mansinho  
Hum-hum, hum-hum

**B**

II

Gira gira gira giram,  
Viradinhas para o mar.  
E as cabaças que as enfeitam,  
Nunca param de cantar

*In histórias cantadas de Ana Maria Ferrão  
e Madalena Sá Pessoa. Ed. Plátano.  
Direitos Reservados M.E.*



## Conchas Conchinhas

Conchas conchinhas  
Conchas do mar  
Conchas conchinhas  
P'ra eu apanhar  
Vêm de longe,  
vêm nas ondas.  
Ficam na areia  
a brilhar.

D. C.

*In histórias cantadas de Ana Maria Ferrão  
e Madalena Sá Pessoa. Ed. Plátano.  
Direitos Reservados M.E.*



## DOCUMENTO 12

### Biblioteca do Animador

### Sugestões

- Andersen, Sophia de Mello Breyner, (1985). *A Fada Oriana*. 9.ª edição Ed. Figueirinhas.
- Andersen, Sophia de Mello Breyner, (1985). *A Menina do Mar*. Ed. Figueirinhas.
- Andersen Sophia de Mello Breyner, (...). *O Rapaz de Bronze*. Ed. Figueirinhas.
- Andersen (...), *Os Mais Belos Contos de Andersen*. Versão de Ricardo Alberty. Ed. Verbo.
- Beja, F., Topa, J.M., Madureira, C. (1999). *Jogos e Projectos de Expressão Dramática*. Porto Editora.
- Blois. M.M. e Barros, M. A . F. (1967). *Teatro de Fantoches na Escola Dinâmica*. Ed. Ao Livro Técnico S.A.
- Brandes, D. e Phillips H. (1977). *Manual de Jogos Educativos*. Morais Editores.
- Bach, R.(1972). *Fernão Capelo Gaivota*. Ed. P. Europa América.
- Cabral, A.(1991). *Jogos Populares Infantís*. Editorial Notícias.
- Costa, A. J. e Baganha F. (1989). *O Fantoches que Ajuda a Crescer*. Ed. Asa.
- Exupery, Antoine. (...). — *O Príncipezinho*.
- Ferrão, M. A. Pessoa, S.M. (1983). *Histórias Cantadas*. — colecção Prática Pedagógica. Ed. Plátano.
- Ferreira, C. (...). *Brincar também é poesia*. Plátano Editora.
- Fonseca, A. (1999). *Guia dos Direitos da Criança*. 2.ª Ed revista e actualizada. IAC.
- Gaby, Georgette e Vinenet. (...). *A criança criadora*. Ed. Assirio e Alvim.
- GRIMM. (...). *Os Mais Belos Contos*. Ed. Civilização.
- Lequeux, Paulette. (...). *A Criança Criadora de Espectáculos*. — Ed. Família 2000.
- Lebonici e DiatKine. (1985). *Significado e Função do Brinquedo na Criança*. Ed. Artes Médias.
- Lucinda, Atalaia. (...). *Ler, Ouvir e Contar*.
- Mariotti, M. (1987). *Mãos Animadas*. Ed. Bertrand.
- Mariotti, M. (1987). *ANIMAINS*. Ed. Bertrand.
- M.E. (1988). *Histórias Tradicionais*.
- Redol, Alves. (...). *A Vida Mágica da Sementinha — uma breve história*. Ed. Europa América.
- Redol, Alves.(...). *A Flor Vai Pescar Num Bote*. Ed. Europa América.
- Roberto, J. (...). *Tu és um ser Humano*. Ed. ITAU.
- Soares, L.D. (...). *Poesias e Lengalengas*. Ed. Horizonte.
- Solé, M.B. (1992) *O Jogo Infantil*. IAC.
- Vialle, C. e Guyore — George. H. (1998). *150 Actividades para Crianças*. Edições ASA.



**DOCUMENTO 12a**  
**Alguns Livros Aconselháveis**  
**para uma Biblioteca em Jardim de Infância**

- Andersen, Sophia de Mello Breyner. (1985). *A Fada Oriana*. 9.<sup>a</sup> edição Ed. Figueirinhas.
- Andersen, Sophia de Mello Breyner. (1985). *A Menina do Mar*. Ed. Figueirinhas.
- Andrade, E. Resende. J. (1986), *Aquela Nuvem e Outras*. Ed. Asa.
- Araújo. R.M.C. (...). *O Palhaço Verde*. Livros Horizonte.
- Beer, Hans. (...). *A Viagem de Pluma*. Ed. Contexto.
- Barnadas e Kinderley. (1997). *Meninos Iguais a Mim*. Celebrações. Civilização em colaboração com a Unicef.
- Dale, Penn. (1992). *Dez Numa Cama*. Ed. Asa.
- Jenkins, S. (1995). *Ver Brincar e Aprender*. Porto Editora.
- Matoso, M. (...). *Vamos ao Circo*. Ed. Átila.
- McKee, David. (...). *Elmer*. Ed. Caminho.
- Soares, L. D. e Lucas, S. (1994). *Adivinha, Adivinha*. Livros Horizonte.
- Soares, M. e Bacelar M. (1998). *A Borboleta Leta*. Ed. Afrontamento.
- Torrado, A. (1994). *Histórias Tradicionais Portuguesas Contadas de Novo*. Ed. Civilização.